



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciências Sociais – ICS
Departamento de Sociologia - SOL

FLÁVIA DE SOUSA OLIVEIRA

**As ocupações na UnB de 2016 como acontecimento:
Mobilização estudantil como expressão do sentimento de desamparo**

BRASÍLIA

2019

FLÁVIA DE SOUSA OLIVEIRA

**As ocupações na UnB de 2016 como acontecimento:
Mobilização estudantil como expressão do sentimento de desamparo**

Monografia apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília como um dos requisitos para obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Sociologia.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Débora Messenberg Guimarães.

BRASÍLIA
2019

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciências Sociais – ICS
Departamento de Sociologia – SOL

Flávia de Sousa Oliveira

**As ocupações na UnB de 2016 como acontecimento:
Mobilização estudantil como expressão do sentimento de desamparo**

Monografia apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília como um dos requisitos para obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Sociologia.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Débora Messenberg Guimarães
Departamento de Sociologia – UnB

Prof^ª. Dr^ª. Tânia Mara Campos de Almeida
Departamento de Sociologia – UnB

BRASÍLIA

2019

*À minha Vó e minha Mãe,
Edite e Elvira.*

Agradecimentos

Quando olhamos retrospectivamente para nossa trajetória percebemos quantos encontros, interações e marcas levamos conosco. Assim, desde já, gostaria de agradecer a todos que estiveram presentes e me acompanharam em minha trajetória de crescimento.

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha querida mãe que, apesar de todas as dificuldades envolvidas na criação de alguém, sempre esteve ao meu lado me dando suporte, incentivo, motivação e conforto quando mais precisava. Sempre me respeitou e apoiou em minhas escolhas e decisões e sempre me emprestou seu ombro quando precisava. Gostaria de lhe agradecer também por ter me ensinado - e servido de exemplo – a ser uma mulher forte, confiante, sensível, justa e que busca sempre se tornar uma pessoa melhor.

Gostaria de agradecer também à minha Vó e meu Avô que ajudaram minha mãe em minha criação e que tal como ela representam marcas enormes em meu coração. Certamente estive mais na casa de vocês do que em minha própria casa e, de certa maneira, sempre que penso em “lar” é a casa de vocês que me vem primeiro à cabeça. Obrigada pelo carinho, histórias, cuidado e lições.

Agradeço também a todo o restante da minha família que sempre estiveram presentes em minha vida e, que só depois de um tempo, compreendi o quanto isso realmente é um privilégio. Obrigada por todos os momentos de união, diversão, compartilhamento e conforto que sempre me proporcionam.

Agradeço, também, a todos os meus amigos de jornada na UnB. Cada um de vocês são e serão responsáveis por mudanças e aprendizados que tive, tenho e terei. Vítor Astavros, Sarah Beatriz, Nicolás Silva, Luís Filipe Lima, Isis Alves, Flávio Borges, Gabriela Costa.

Gostaria de agradecer também à minha orientadora Débora Messenberg que me ajudou nesse processo de pesquisa e reflexão. Nossas reuniões esclareciam minha mente, me colocavam nos trilhos e me incentivava e motivava a aprender sempre mais. Além disso, obrigada por me servir de inspiração como modelo de pesquisadora, socióloga e professora.

Agradeço também a todos os professores e professoras que tive a oportunidade de conhecer e que me auxiliaram em meu crescimento humano e intelectual. Certamente, as marcas das influências de vocês refletem em mim e em meus atos de algum modo.

Sou eternamente agradecida a todos os projetos que participei durante a minha graduação, sendo eles: a Socius – Empresa de Consultoria Júnior em Ciências Sociais, o

Programa de Educação Tutorial (PET-SOL) e o Ciências Sociais nas Escolas (CiSO). Deles carrego experiências e amizades que levarei para toda a vida.

Obviamente agradeço a todos e todas entrevistados e entrevistadas pela disposição, pelo tempo e pela colaboração prestada a esta pesquisa. Esta pesquisa nada seria sem o compartilhamento de suas experiências.

Por fim, gostaria de agradecer também à UnB por ser esse espaço de grande circulação e intensidade de conhecimento, pluralidades, relações e interações em que estive envolta durante esse tempo de graduação. E que me proporcionaram um enorme crescimento pessoal, profissional e humano os quais, desde já, estou levando para minha jornada de vida. De minha parte, a luta e apoio à Educação, inclusão, igualdade e justiça serão sempre princípios e ideais pelos quais lutarei.

*“As minhas marcas, meus valores
As minhas armas de colorir
São como preces prezas ao corpo
Provando do gosto do que já vivi.”*

Dani Black e Pedro Altério

Resumo

A presente monografia aborda a temática dos afetos desencadeados pelo campo político, em específico dos afetos decorrentes das ocupações que ocorreram na Universidade de Brasília (UnB) no ano de 2016. O propósito da pesquisa é demonstrar como os afetos, por muito tempo relegados do campo de reflexão sociológica, aparecem como importante fonte de análise das ações sociais e seus sentidos, bem como fontes de explicação da motivação de um indivíduo em participar efetivamente em um movimento social. Além disso, a presente pesquisa demonstra a utilidade do conceito de acontecimento para apreensão dos afetos motivadores e presentes em uma mobilização social. Para tanto, além de revisão bibliográfica sobre o tema, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dez pessoas que participaram efetivamente das ocupações na UnB de 2016. Também foram realizadas pesquisas na página do *Facebook* denominada “Ocupa UnB”, além de pesquisas de matérias jornalísticas. Assim, foi possível a visualização do desamparo como o afeto que impulsionou estes jovens a participarem das ocupações na universidade, além de terem sido encontrados quatro sentimentos presentes nos relatos coletados, sendo eles: o medo, a esperança, a solidariedade e a frustração. Conclui-se que os afetos constituem importante dimensão de análise no que concerne as motivações de ações sociais, bem como podem representar bons indicadores de problemas no sistema democrático, bem como de maus governos.

Palavras-chave: Sociologia Política. Ocupações 2016. Afetos. Acontecimento. Desamparo.

Índice de Ilustrações

<i>Figura 1 - Mapa dos Espaços ocupados na UnB.....</i>	<i>31</i>
---	-----------

Índice de Tabelas

<i>Tabela 1 - Característica da Amostra da Pesquisa</i>	<i>29</i>
<i>Tabela 2 - Dados da Amostra referente à renda.....</i>	<i>29</i>
<i>Tabela 3 - Dados referente à locomoção e moradia.....</i>	<i>30</i>
<i>Tabela 4 - Campos Semânticos do direcionamento do sentimento de indignação vinculado ao contexto político de 2016.....</i>	<i>35</i>

Lista de Abreviações e Siglas

BSAN	Bloco de Salas de Aula Norte
BSAS	Bloco de Salas de Aula Sul
CA	Centro Acadêmico
CCM	Centro de Convivência de Mulheres
CET	Centro de Excelência em Turismo
DCE	Diretório Central dos Estudantes
FAC	Faculdade de Comunicação
FAU	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
FCI	Faculdade de Ciência da Informação
FD	Faculdade de Direito
FE	Faculdade de Educação
FUP	Faculdade de Planaltina
CEN	Instituto de Artes Cênicas
ICCN	Instituto Central de Ciências ala Norte
ICCS	Instituto Central de Ciências ala Sul
IDA	Instituto de Artes
IM	Instituto de Música
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MP	Medida Provisória
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
MC	Ministério das Comunicações
MinC	Ministério da Cultura
PAT	Pavilhão Anísio Teixeira
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PJC	Pavilhão João Calmon
PT	Partido dos Trabalhadores
UnB	Universidade de Brasília
UNE	União nacional dos Estudantes

Sumário

Agradecimentos	5
Índice de Ilustrações	9
Índice de Tabelas	10
Lista de Abreviações e Siglas	11
Introdução	14
Metodologia.....	18
2.1 - Definição da Amostra.....	18
2.2 – Técnica e Procedimentos de Coleta	19
2.3 – Técnica e Procedimentos de Análise	20
1. Afetos e Sociologia: um resgate das emoções no pensamento sociológico	21
1.1. Prolegômenos sobre a teoria dos afetos	21
1.2. As relações afetivas na constituição do indivíduo como ser social	25
2. As ocupações na UnB de 2016 como acontecimento.....	28
2.1. As ocupações na UnB	30
2.2. As ocupações sob a perspectiva de acontecimento.....	32
2.3. As ocupações como reflexo prático do sentimento de desamparo	33
2.3.1. O Contexto	34
2.3.2 As causas e o desamparo	40
2.4. Os microacontecimentos da ocupação	42
2.4.1. As arenas da ocupação na UnB	42
2.4.2. As relações entre os indivíduos nas ocupações.....	45
3. As emoções vividas nas ocupações	46
3.1. O Medo	47
3.2. A Esperança	48
3.3. A Solidariedade.....	49

3.4. A Frustração.....	50
Considerações Finais	52
Referências Bibliográficas.....	56
Anexo A – Roteiro aplicado nas entrevistas.....	60

Introdução

As ocupações na Universidade de Brasília (UnB) de 2016 podem ter parado por um período as atividades da instituição de ensino, mas consistiu em um dos momentos de maior discussão política dentro da universidade. Vários cursos promoveram assembleias para debater o contexto político nacional e a postura que seria adotada em relação a ele. Na internet e nas assembleias gerais haviam turbilhões de posicionamentos sobre o contexto e sobre as ocupações que estavam entrando em cena.

As ocupações na UnB de 2016 representaram uma das maiores mobilizações estudantis, desta instituição, desde 2008¹. E, dessa maneira, suscitaram uma relevante questão: o que moveu esses estudantes a promoverem a ocupação dos prédios de sua universidade e demandar do corpo discente debate e posicionamento? O que os afetou de forma tão intensa a ponto de promoverem e integrarem esse movimento de protesto?

Os movimentos sociais constituem um objeto de análise sociológica que possui grande quantidade de perspectivas e abordagens disponíveis para a sua investigação, além de evidenciar um campo rico para as análises dessa disciplina. Contudo, desde o início de seus estudos sistemáticos, a ação coletiva foi reduzida a prismas de raciocínios como os da teoria da

¹ No ano de 2008 ocorreu a ocupação do prédio da reitoria da UnB pelos estudantes. A ocupação aconteceu como pressão dos estudantes para a saída de Timothy Mulholland e de Edgard Mamyia dos cargos de reitor e vice-reitor respectivamente. O pedido de renúncia de Timothy e sua gestão da administração da universidade deveu-se a apresentação de denúncias de que verbas destinadas à pesquisa estavam sendo usadas para a decoração do apartamento funcional da Reitoria, que era ocupado por Timothy e sua família. O Ministério Público Federal (MPF-DF) chegou a entrar com pedido de ação de improbidade administrativa contra o reitor pelo uso de fundos da FINATEC (Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos) para reforma, mobília e decoração do apartamento funcional de uso exclusivo do reitor e sua família. A indignação dos estudantes fixava-se, principalmente, na destinação de verbas irrisórias para pesquisa e da má estrutura presente na casa do estudante da UnB em relação com os gastos exorbitantes do reitor na compra de móveis de luxo para seu apartamento funcional. Além disso, a ocupação da reitoria de 2008 também possuía como pauta central do movimento a exigência de eleições com votos paritários para o cargo de reitor da instituição, visto que, na época, os votos de professores, servidores e alunos possuíam pesos diferentes, sendo: 70% o peso do voto dos professores e 15% o peso dos votos dos servidores e alunos para a eleição de reitores da universidade. Para um maior aprofundamento da situação confira: **A TARDE. Para UnB, saída de reitor é inegociável.** Acesso em: 20 de jul. de 2019. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/brasil/noticias/1214690-para-unb,-saida-de-reitor-e-inegociavel> e **A TARDE. Alunos debatem participação na escolha de reitor da UnB.** Acesso em: 20 de jul. de 2019. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/brasil/noticias/1160983-alunos-debatem-participacao-na-escolha-de-reitor-da-unb>

escolha racional e das teorias de mobilização de recursos, que entendiam os indivíduos como seres movidos única e exclusivamente pela razão e seus subsequentes cálculos de interesse, fossem estes materiais ou simbólicos (CEFAI, 2015; JASPER, 2016).

Além disso, as considerações sobre a dimensão emocional dos indivíduos, com relação ao campo de estudos das ações coletivas, estiveram durante muito tempo relegadas a pontos de vista que as consideravam como tensões emocionais próprias ao indivíduo e de caráter integralmente irracional. Desta forma, eram entendidas como uma dimensão exclusivamente pertencente a idiosincrasias do organismo de cada indivíduo e sem nenhuma relação com o social e seus contextos (JASPER, 2016).

No entanto, atualmente, a sociologia, assim como as demais ciências sociais, tem cada vez mais voltado o seu olhar para esta dimensão por tanto tempo relegada a segundo plano. Esta volta encontra-se presente em programas de pesquisa como os da sociologia e antropologia das emoções, das teorias da socialização e das teorias dos afetos. Nesse sentido, tem se chamado de forma crescente a atenção para a participação desse campo das emoções e dos afetos nos estudos sobre as direções, e sentidos, das ações tomadas pelos indivíduos, bem como a influência da estrutura social sobre essa dimensão afetiva.

Isto posto, a presente pesquisa científica possui como objetivo contribuir para os estudos sobre a relação entre os afetos e o campo sociopolítico. Para tanto, a investigação adotou as ocupações acontecidas na Universidade de Brasília (UnB) no ano de 2016 como foco para a análise do tema citado acima com a intenção de compreender o afeto que teria possibilitado a união de pessoas diversas sobre um grupo específico, assim como outros possíveis afetos que teriam ocorrido no período das ocupações na universidade.

Tendo em mente a delicadeza do tema, tal como a proximidade deste com áreas de estudo da psicologia. O presente trabalho científico buscou nas teorias dos afetos o suporte para escapar dos subjetivismos e de uma psicologia estendida e manter-se, assim, no campo da sociologia e das considerações sobre a influência das dimensões sociais nos comportamentos comuns individuais.

A teoria dos afetos possui amplo suporte nos trabalhos de Baruch de Espinosa e Sigmund Freud. Do último se depreende a influência da sociedade sobre a dimensão emocional-afetiva dos indivíduos, uma vez que Freud repara que vivências externas de uma pessoa impactam um campo inconsciente que, por sua vez, influi nos comportamentos e atitudes dos indivíduos, confirmando o ser humano, desse modo, como um ser que não é guiado unicamente pela racionalidade, mas também por uma dimensão tida como irracional (HISTORY CHANNEL, 2002).

De Baruch de Espinosa advém a perspectiva de que as ideias mentais que se manifestam através da ação é um construto da constante interação entre a alma/mente e corpo na produção do conhecimento. Assim, os afetos não seriam uma perturbação ao conhecimento, mas sim a razão de sua concretização e objetividade, visto que todo conhecimento é perspectivado (GIACÓIA JR; SAFATLE, 2015). Portanto, para a perspectiva de Espinosa, “são as afecções pelas coisas exteriores que colocam os corpos em movimento, fazendo deles corpos concretamente desejantes, assim determinados a realizar coisas particulares.” (LORDON, 2015, p. 64).

Dessa maneira, a teoria dos afetos nos viabiliza considerar a sociedade não como um sistema de normas e leis, mas como um sistema que, em seu nível mais profundo, são circuitos de afetos cristalizados sobre a forma das leis, das normas, da cultura, da indignação, da revolta (SAFATLE, 2016). Logo, a teoria dos afetos nos retira do subjetivismo ao colocar na sociedade e nas relações sociais a primazia das afecções externas as quais os indivíduos são submetidos.

“Dizer isso não condena a qualquer regressão subjetivista ou psicologista, pois são sempre as causas externas das afecções, insiste Espinosa, que determinam as energias desejantes individuais às suas buscas particulares. Ora, a maioria dessas coisas exteriores, que encontramos, que nos afetam e que nos movem são sociais ou dotadas de qualidades sociais. Elas podem ter o caráter abstrato de estruturas, de instituições ou de relações sociais.” (LORDON, 2015, p. 64)

A presente monografia também recupera o conceito de “acontecimento” como ferramenta para análise das ocupações na UnB de 2016, pois ele permite a consideração das ocupações como um campo problematizante surgido aos indivíduos ao longo da vivência de suas experiências pessoais. E, por conseguinte, permite considerarmos essas experiências como composta por um sofrer e um agir (LAGE; BARCELOS, 2011). Assim,

“O acontecimento acontece a alguém: ele afeta os sujeitos, toca-os. Tem por efeitos que são da ordem do sentido. Ele pode, portanto, alterar as práticas sociais, os campos de ação e a vida dos sujeitos, reestruturando a experiência. O indivíduo não é o dono da significação do mundo: ele sofre os efeitos do acontecimento, ainda que também responda a ele, em uma relação de codeterminação. (MENDONÇA, 2007, p. 122)

Em vista disso, a presente monografia munida da teoria dos afetos e do conceito de “acontecimento” voltou-se a análise das ocupações na UnB de 2016 para entender, sobre uma perspectiva dos afetos, quais foram as motivações que levaram estudantes a ocuparem prédios de sua universidade e, também, quais outras emoções seriam possíveis de serem captadas nos relatos desses jovens sobre o período das ocupações.

Com tal objetivo, a primeira parte da pesquisa se debruça a apresentar a denominada “teoria dos afetos” com o foco em seus principais conceitos e ideias para a área de estudos da sociologia. Além disso, é feita a relação entre os pressupostos dessa teoria e ideias e noções sociológicas sobre socialização e hábitos. Portanto, trata-se de uma parte mais teórica e conceitual da presente investigação que objetiva apresentar aos leitores as bases teóricas utilizadas para a apreensão da relação entre afetos e sociologia.

A segunda parte, passa a análise mais sistemática sobre o objeto escolhido para apreciação, que são as ocupações na UnB de 2016. Nesta parte, os dois primeiros capítulos cumprem a função de situar os leitores no que diz respeito ao que foram as ocupações na UnB em 2016 e de enquadrá-la como um acontecimento. Demonstrando, assim, as vantagens dessa ferramenta conceitual para o objetivo geral da pesquisa. Além disso, no início da seção são apresentadas as características sociodemográficas da pesquisa de campo produzida, em que foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 10 jovens estudantes que haviam participado das ocupações na UnB de 2016.

No capítulo seguinte, é abordado o contexto social sobre o qual ocorreram as ocupações da UnB e, simultaneamente, são trabalhadas as informações coletadas nas entrevistas sobre como esses estudantes percebiam as causas da ocorrência da mobilização estudantil, bem como o motivo dela ter ocorrido e o motivo da participação deles nesse movimento. Neste capítulo, analisando o acontecimento das ocupações, conjuntamente, com as percepções dos entrevistados e das entrevistadas infere-se o desamparo como o grande sentimento impulsionador do movimento dos jovens de participarem do movimento social.

No último capítulo dessa segunda parte, é apresentado o restante dos resultados da pesquisa de campo realizada em que é possível construir as ocupações como um campo próprio, isto é, não só como resultado de um outro acontecimento, mas como um acontecimento próprio aonde são estabelecidos, no interior da universidade, outros conflitos e problematizações do movimento. Situações com as quais os ocupantes precisam não só lidar, mas com as quais convivem diariamente.

No capítulo três, por sua vez, são apresentadas as emoções causadas no desenrolar das ocupações e inferidas dos relatos coletados pelas entrevistas com os estudantes. Além disso, apresenta-se a importância da reflexão sobre quais são os afetos que o espaço político proporciona à população, dado que podem indicar problemas relacionados a um modo de governo e mesmo relacionados com a própria qualidade da democracia.

Por fim, são dispostas as considerações finais do estudo em que se expõe os principais resultados da pesquisa e indicam-se algumas possibilidades de pesquisas futuras.

Metodologia

Ao tomar como foco de análise e reflexão crítica a relação entre emoções e ações, a presente pesquisa possui um caráter compreensivo, pois pretende compreender a ação social de forma interpretativa com o fim de desvelar os seus sentidos. (Weber, 2015). Assim, a pesquisa procura entender como o social influi na dimensão afetiva dos indivíduos que, por sua vez, influencia no direcionamento das ações destes. Em vista disso, o referencial teórico sobre o qual a pesquisa é embasada se constitui de uma bibliografia sobre movimentos sociais, filosofia política, teoria dos afetos, emoções e sociologia política.

Assim, foram utilizados de forma primordial os seguintes referenciais teóricos: Jasper (2016) – com conceitos como movimento social e arenas; Lordon (2015) – com toda uma sistematização da filosofia de Espinosa com as ciências sociais; Mendonça (2007) – com as explanações sobre o conceito de “acontecimento”, Lage e Barcelos (2011) – por trazerem as visões de Louis Quéré sobre o acontecimento enquanto campo problematizante; Safatle (2016a) – por todas as suas disposições sobre a teoria psicanalítica de Freud e por sua recuperação da ideia de Desamparo; Rosanvallon (2018a) – com apresentação dos conceitos de democracia de autorização e democracia de exercício e da importância do sentimento de confiança para a política; e Bittencourt (2008) – pela sistematização da filosofia política de Espinosa.

Além desses trabalhos basilares, outros trabalhos foram utilizados como apoio e de forma complementar, como pode ser visto nas referências bibliográficas. Consistindo, dessa maneira, a revisão bibliográfica no primeiro passo para a realização do presente trabalho.

A bibliografia sobre emoções e sociologia ainda é bem escassa e muitos trabalhos do campo não possuem traduções, logo isso se expôs como uma dificuldade na realização da pesquisa. A escolha por utilizar a teoria dos afetos deu-se, inclusive, pela pouca referência bibliográfica que se tem sobre o tema das emoções em uma abordagem mais sociológica e de caráter não etnográfico ou de interações face a face.

2.1 - Definição da Amostra

A escolha das ocupações na Universidade de Brasília de 2016 como objeto para o desenvolvimento da pesquisa ocorreu pela proximidade da autora com o ambiente da universidade, bem como por ter presenciado o acontecimento das ocupações e ter contatos com

pessoas que haviam participado efetivamente delas, o que facilitou o desenvolvimento da pesquisa

Como o trabalho não foi realizado de forma etnográfica, visto que as ocupações já haviam ocorrido há dois anos, a delimitação da amostra para realização da coleta de dados deu-se através do sistema de bola de neve. A amostragem em bola de neve se constitui em um processo de indicações de contatos, para a efetuação da pesquisa. Dessa forma, esse processo de amostragem consistiu em deter, inicialmente, contatos próximos que haviam participado das ocupações e que, posteriormente, foram indicando outros contatos, de pessoas que também haviam participado das ocupações, para a realização das entrevistas.

O sistema bola de neve para a construção da amostragem demonstrou-se bastante proveitoso, pois possibilitou uma definição amostral não muito demorada, uma vez que a maior dificuldade encontrada, na realização da investigação, foi a de encontrar contatos de meninas dos cursos de áreas mais voltadas a ciências naturais e, especialmente, ciências exatas que haviam participado de forma efetiva nas ocupações da universidade. Deste modo, as barreiras que se apresentavam a coleta dos dados foram diminuídas, pois a dificuldade que poderia se apresentar, devido ao fato das ocupações já terem acabado quando da realização da pesquisa, foram solucionados através desse sistema amostral.

2.2 – Técnica e Procedimentos de Coleta

Para o presente trabalho, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dez jovens universitários e universitárias da universidade de Brasília (UnB) que efetivamente participaram das ocupações ocorridas em 2016. Além de pesquisas sobre as postagens emitidas na página “Ocupa UnB” no *Facebook* e em matérias jornalísticas sobre a mobilização estudantil em questão nesta análise.

As entrevistas mostraram-se um interessante instrumento de pesquisa, visto que permite uma análise de comportamento diante das perguntas feitas e também configura-se como uma conversa aberta e sincera entre dois indivíduos sobre um assunto determinado, possibilitando, dessa maneira, um maior conforto aos entrevistados e entrevistadas perante as perguntas realizadas (GOLDENBERG, 2015). Além disso,

“a entrevista oferece maior amplitude do que o questionário, quanto à sua organização: esta não estando mais irremediavelmente presa a um documento

entregue a cada um dos interrogados, os entrevistadores permitem-se, muitas vezes, explicitar algumas questões no curso da entrevista. Muitas vezes, eles mudam a ordem das perguntas em função das respostas obtidas, a fim de assegurar a coerência em suas trocas com o interrogado.” (LAVILLE; DIONNE, 1999)

Para garantir a confiabilidade das informações coletadas, buscou-se, para a realização das entrevistas, assegurar diversidade em termos de gênero e de curso no intuito de apreender diferentes possibilidades de percepção e assimilação do acontecimento das ocupações na UnB e seus efeitos sobre a comunidade estudantil, responsável pela realização das diversas ocupações nos *campi* da instituição. Com isso em mente, foram realizadas cinco entrevistas com jovens de cada gênero e dos seguintes cursos: Ciências Sociais, Ciência Política, Arquitetura, Filosofia, Engenharia Química, Engenharia Florestal, Biologia e História.

Para mais, foi solicitado aos entrevistados e entrevistadas a permissão para gravar a entrevista, uma vez que o recurso da gravação permite “ao mesmo tempo auferir a vantagem da maior preservação possível do discurso dos entrevistados, e evitar o seu comprometimento, bem como da própria interação, pela tarefa de tomar notas das respostas” (ALVES; SILVA, 1992, p. 64)

2.3 – Técnica e Procedimentos de Análise

A entrevista, além do exposto na seção anterior, também é uma técnica reconhecida por proporcionar uma maior profundidade nas respostas fornecidas pelos entrevistados (GOLDENBERG, 2015). Desse modo, “São fatos inquestionáveis que as entrevistas semiestruturadas, em que o discurso dos sujeitos foi gravado e transcrito na íntegra, produzem um volume imenso de dados que se acham extremamente diversificados.” (ALVES; SILVA, 1992, p. 65)

Isto posto, faz-se preciso tentar obter os dados dentro de certo contexto. Com isso em mente, as perguntas foram dispostas no roteiro das entrevistas a partir de perguntas que objetivavam: 1) compreender o modo como os entrevistados e entrevistadas interpretavam o que foram as ocupações e o porquê dela acontecido naquele ano em específico; 2) apreender a percepção deles e delas sobre suas vivências na ocupação e suas opiniões sobre as táticas e deliberações feitas no movimento; e 3) perceber o modo como liam os resultados da ocupação e da política. Essa reflexão possibilitou que os entrevistados e entrevistadas reconstruíssem a seu modo o que teriam sido as ocupações, o que facilitou no objetivo de compreender as emoções e sentimentos.

Uma vez coletadas as entrevistas, cada uma delas passou pelo processo de transcrição de seus conteúdos de forma literal. O processo de transcrição identifica-se como um momento de imersão nos dados para uma posterior sistematização, dessa maneira é um processo lento que tem como objetivo observar campos semânticos que se repetem de forma regular nos discursos coletados. A observação de campos semânticos comuns também foi realizada com relação as postagens presentes na página “Ocupa UnB” do *Facebook*.

Logo, o momento de análise representa

“esse movimento constante em várias direções: das questões para a realidade, desta para a abordagem conceitual, da literatura para os dados, se repetindo e entrecruzando até que a análise atinja pontos de “desenho significativo de um quadro”, multifacetado sim, mas passível de visões compreensíveis.” (ALVES; SILVA, 1992, p. 65).

1. Afetos e Sociologia: um resgate das emoções no pensamento sociológico

1.1. Prolegômenos sobre a teoria dos afetos

A sociedade, como convencionalmente a compreendemos, é formada por indivíduos. Contudo, as análises sociológicas passaram muito tempo voltadas exclusivamente a considerações de “cunho mais estrutural que relegavam para o segundo plano a ação social individual e, por conseguinte, os atores sociais e sua vida emocional” (KOURY, 2009, p. 83).

Marcando, desta maneira, as ciências sociais com regimes dualistas excludentes, como por exemplo, razão-emoção, racional-irracional, sociedade-indivíduo, vontade livre consciente-pulsões patológicas inconscientes. Em que há, em vista disso, uma valorização da racionalidade como a dimensão única e central pela qual os indivíduos agem e interagem uns com os outros e com as instituições sociais e, também, pela qual os indivíduos interpretam seu ambiente cultural.

Em fins da década de cinquenta e na década de sessenta, contudo, novos procedimentos analíticos surgiram nas ciências sociais e demandavam uma maior atenção para as categorias do *self* com relação à formação e ao movimento das estruturas sociais. Além de reivindicar o estabelecimento de canais entre as dimensões micro e macrosociológicas e a necessidade de compreensão dos fenômenos emocionais nos estudos dessa área do conhecimento (KOURY, 2009).

A retomada dos indivíduos com suas categorias e, principalmente, com suas ações, e as motivações delas, passam a intrigar cada vez mais os sociólogos e os cientistas sociais, mas

passam a demandar, também, cuidados procedimentais gradualmente maiores para o não abandono do objeto fundamental das ciências sociais que é a sociedade, suas estruturas e conflitos e sua influência sobre o indivíduo como um todo. Como posto por Lordon (2015, p. 8), “a volta emocional traz consigo o retorno teórico ao indivíduo, correndo o risco de liquidar definitivamente tudo o que há de propriamente social nas ciências sociais, rumo à dissolução em um tipo de psicologia estendida”.

Assim,

“Juntar o que esteve por muito tempo separado exige, no entanto, adentrar o problema das “emoções” de uma maneira particular, que não tenha por efeito enclausurá-lo imediatamente em um subjetivismo sentimental, preocupado com os estados singulares da alma do “ator” e distante de qualquer determinação social.” (LORDON, 2015, p. 9)

Isto posto, a chamada “teoria dos afetos” se mostra fundamental para conjunção das dimensões individuais-emocionais e sociais de modo a não cair nessa “psicologização” da qual fala Lordon (2015). A teoria dos afetos, nos fins deste trabalho, resgata algumas dimensões da filosofia de Baruch de Espinosa e algumas dimensões do trabalho de Sigmund Freud. Afinal, como apresentado por Safatle (2016a, p. 15), “sociedades são, em seu nível mais fundamental, circuitos de afetos.”

Em vista disso, a principal contribuição de Freud para a teoria dos afetos é a constatação de que não somos seres puramente racionais e, por conseguinte, não agimos de forma estritamente racional sempre. E isso, pois nossa vida seria guiada por um inconsciente que desconhecemos (HISTORY CHANNEL, 2002). Assim, Freud se volta a tentativa de compreender de forma sistemática essa dimensão irracional que possuímos.

“Em vez de ver sujeitos como agentes maximizadores de utilidade ou como mera expressão calculadora de deliberações racionais, Freud prefere compreender a forma como indivíduos produzem crenças, desejos e interesses a partir de certos circuitos de afetos quando justificam, para si mesmo, a necessidade de aquiescer à norma, adotando tipos de comportamentos e recusando repetidamente outros.” (SAFATLE, 2016a, p. 38)

Baruch de Espinosa, juntamente a Freud, apresenta-se como grande referência na teoria dos afetos, uma vez que estabelece toda sua filosofia política tendo como base a vida afetiva enquanto fundamento de toda construção social. Isso dado que, na perspectiva espinosana, o homem é constituído pela relação interativa entre a alma/mente e o corpo (BITTENCOURT, 2008).

Desta forma, a filosofia de Espinosa retrata uma perspectiva não metafísica da realidade², visto que, em seu pensamento, só há uma única realidade e esta é a do mundo físico concreto, o mundo que habitamos. Caracterizando-se, assim, por uma filosofia não dualista e, portanto, uma filosofia que não apresenta a primazia do mundo suprasensível sobre o sensível. (GIACÓIA JR; SAFATLE, 2015; BITTENCOURT, 2008). Afinal, para ele, nossas ideias e impressões advém dos afetos do corpo (GIACÓIA JR; SAFATLE, 2015; BITTENCOURT, 2008).

Daí a importância concedida por Espinosa sobre a relação entre corpo e alma/mente. Da qual se depreende, como exibido por Lordon (2015), que a essência humana nada mais é senão o desejo e, esse último, é a expressão do conatus individual após ter sofrido algum afeto exterior.

“A capacidade de afetarmos e sermos afetados pelos outros homens seria, segundo a perspectiva espinosana, o grande impulsionador da ação humana no âmbito social [...] Cada potência individual é constituída por intensidades de forças concordantes ou conflitantes e se relaciona com uma totalidade cujas forças podem concordar ou conflitar com a sua, podendo fortalecer-se ou enfraquecer-se nessa relação.” (BITTENCOURT, 2008, p. 91)

À vista do exposto, deve-se definir um dos principais e centrais conceitos de Espinosa que é o conatus. O conatus é “o esforço para preservar na existência [isto é] potência para vencer os obstáculos exteriores à existência, poder de se expandir e de se realizar plenamente” (PEIXOTO JÚNIOR, 2013, p. 4, grifo nosso). O conatus, então, seria uma energia intransitiva presente em cada indivíduo, isto é, uma energia sem objeto, amorfa que precisa ser afetada, ou seja, sofrer afecções exteriores concretas, para encontrar sua orientação e, dessa forma, ser estabelecida como desejo³ (LORDON, 2015).

Sendo assim, podemos relacionar o conatus com o âmbito da irracionalidade, do qual fala Freud, uma vez que esse conatus na qualidade de uma força, de uma potência humana, que, além de amorfa, procura preservar a existência do ser, pode ser pensado como a dimensão emotiva que se concretiza na realidade através de afetos. Afetos que são, por sua vez, por nós compreendidos enquanto sentimentos. Afinal, como bem coloca Carla Penna (2017, p. 12), o

² Como bem colocado por Bittencourt (2008, p. 86): “Segundo essa tendência hegemônica na civilização ocidental, a alma seria o núcleo da verdadeira identidade e essência do ser humano, enquanto o corpo é considerado como um rele instrumento utilizado pela inteligibilidade da alma para a realização do seu projeto teleológico rumo ao estado de salvação espiritual.”

³ Importante lembrar que, como apresentou Lordon (2015), Espinosa define três afetos como primários, sendo eles: o desejo, a alegria e a tristeza. Sendo esses dois últimos variações para cima ou para baixo da potência de agir ou do poder de produzir efeitos.

afeto é “a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e de suas variações”. O conatus, desse modo, se relaciona diretamente com as pulsões humanas e suas variações.

Portanto, o corpo ao passo que é uma essência capaz de afetar⁴ e de ser afetado e possuidora desse conatus amorfo, então, é capaz de ser afetado de ilimitados e múltiplos modos e, igualmente, possui a capacidade de formar ilimitadas e múltiplas ideias decorrentes das afecções do corpo (GIACÓIA JR; SAFATLE, 2015). Dessa maneira, esses afetos podem ser decorrentes de bons ou maus encontros, de acordo com a filosofia espinosista, e, em virtude desses encontros, se produzirá afetos alegres ou tristes que, conseqüentemente, irão aumentar ou diminuir nossa potência, ou seja, representa a possibilidade de travar os nossos desejos, a nossa capacidade de existir ou, ao contrário, representa o fortalecimento disso (GIACÓIA JR; SAFATLE, 2015).

Nessas condições, não há um evento em nossas vidas que venha a sensibilizar “separadamente apenas a alma/mente ou o corpo: um encontro, quando ocorre na vida de um indivíduo, motiva necessariamente uma impressão no seu corpo e na sua alma/mente, simultaneamente.” (BITTENCOURT, 2008, p.87) Visto que,

“[...] desenvolvemos ao longo de nossas vidas uma gama de interações com outros corpos. Tais eventos, mediante as circunstâncias pelas quais nos afetam, podem ampliar ou diminuir a nossa capacidade de agir, posto que uma interação, quando impressiona extensivamente nosso corpo, faz com que se origine desse evento um dado afeto. Nessas condições, se porventura essa interação for adequada, ou seja, pautada no desenvolvimento de afetos que ampliem a nossa capacidade de agir, adquirimos o saudável acréscimo de nossa força intrínseca, tal como ocorre com a alegria, definida por Espinosa como a passagem do homem de uma perfeição menor para uma maior. Numa situação diametralmente oposta, quando sofremos uma diminuição da intensidade de nossa potência intrínseca, (mais precisamente na ocorrência de vivências que motivam a formação de afetos tristes, tais como o ódio, o ciúme, o rancor, dentre outros), [...] enfraquece terrivelmente a nossa capacidade de agir, uma vez que tais afetos decorrem de uma ideia inadequada que fazemos da realidade.” (BITTENCOURT, 2008, p. 87).

Logo, conseqüentemente, podemos deduzir que:

“Os corpos são forças que não se definem apenas por seus encontros e choques ao acaso, mas por relações e processos de composição e decomposição de acordo com uma maior ou menor conveniência.” (DELEUZE, 1993 *apud* PEIXOTO JUNIOR, 2013, p. 4)

⁴ Carla Penna (2017) cita em seu trabalho uma passagem do artigo *o inconsciente* (1915c/1974) de Freud em que ele afirma que “os afetos e as emoções correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sentimento.” Dessa forma, os termos afetos e emoções serão utilizados como intercambiáveis na presente monografia. Além disso, crê-se valoroso precisar as emoções como: “rótulo verbal que aplicamos a um conjunto de sentimentos conhecidos.” (JASPER, 2016, p. 89).

A ação pode, portanto, ser definida como “um movimento de corpo que exprime a potência conativa do desejo, e suas determinações particulares, pelas afecções e pelos afetos” (LORDON, 2015, p.64). Ou seja, um corpo não é apenas uma máquina com características físico-estruturais, mas também possui uma dimensão emocional-sentimental que incorpora certo sentido e valor às ideias mentais que, por sua vez se manifestam através de ações desse corpo.

Deste modo, as emoções podem ser definidas como “uma teia de sentimentos dirigidos diretamente a outros e causado pela interação com outros em um contexto e em uma situação social e cultural determinados” (KOURY, 2009, p. 84).

“As emoções, nessa abordagem, são mais uma construção de significados sociais compartilhados do que estados psicológicos automáticos. As emoções têm objetos (nós temos medo de algo), assim, dependem de entendimentos cognitivos. Isso permite um processo de aprendizado e adaptação. São, então, condicionadas por nossas expectativas que derivam do conhecimento sobre o mundo.” (JASPER, 1998; GOODWIN; JASPER; POLLETA, 2007 *apud* DA SILVA, 2017, p. 37, grifo nosso)

Logo, o indivíduo, como bem observado por Freud, não é um ser unicamente guiado pela razão. De alguma maneira há em nosso processo mental de construção de ideias sobre o mundo, e sobre nós mesmo, a presença da dimensão emocional-sentimental que, deste modo, tal como a razão, não pode ser desconsiderada quando se pretende compreender ações humanas, pois é produtora de determinados afetos que se descarregam na ação e em suas intenções.

1.2. As relações afetivas na constituição do indivíduo como ser social

A adaptação da teoria dos afetos para a área das ciências sociais, permite constatar, como se demonstrará nesta seção, a sociedade e a vida social como relações complexas e interdependentes entre indivíduos, de um lado, e instituições e práticas sociais, de outro (LORDON, 2015; ABRANTES, 2011). E, também, permite captar como, em virtude da complexidade caótica imanente à vida social, faz-se necessário a produção de estabilizações temporárias que são produzidas e estabelecidas pelas instituições e práticas sociais diversas (LORDON, 2015; ABRANTES, 2011).

Sendo assim, ao apresentar uma visão de mundo reduzido a processos de composição e decomposição de ideias, e como esse processo é impulsionado pela dimensão afetiva, suscitada pelo contato com o exterior, a teoria dos afetos é grandiosamente enriquecida quando adicionamos os saberes sociológicos a ela. Dado que, com a sociologia é possível complexificar

os processos de produção de sentidos e ideações ao trazer as estruturas e instituições sociais como um importante componente que afeta os indivíduos de vários modos (LORDON, 2015).

Tal acréscimo, possibilita a apreensão do indivíduo como um participante da dialética da sociedade, uma vez que encontra uma realidade já objetivada por “outros” ao chegar no mundo (BERGER; LUCKMANN, 2014). Consequentemente, seus primeiros afetos e o início de sua produção de sentido sobre a realidade que vive não serão produzidos de forma autônoma, mas de forma mediada e limitada por uma série de dimensões sociais, como por exemplo, gênero, classe, raça, região, família entre outros.

Filtragens compreendidas como resultados de processos de socialização sucessivos que os indivíduos vão realizando ao longo de suas vidas e que podem ser entendidos como:

“processos de constituição dos indivíduos e das sociedades, através das interações, atividades e práticas sociais, regulado por emoções, relações de poder e projetos identitários-biográficos, numa dialética entre organismos biológicos e contextos socioculturais.” (ABRANTES, 2011)

Por conseguinte, pode-se inferir que o campo dos afetos de cada pessoa dependerá da forma como cada uma se habituou⁵ a unir e interligar as imagens e memórias das coisas (LORDON, 2015). Assim,

“Em cada um, constitui-se, portanto, um “hábito” hermenêutico, estrutura estratificada de esquemas concatenadores orientados, dos quais parte é comum em uma grande escala [...] uma parte é comum na escala de grupos mais restritos [...] uma parte mais idiossincrática, formada, por exemplo, de acordo com as fixações neuróticas de uma história pessoal.” (LORDON, 2015, p. 71)

Posto isso, uma importante e interessante dimensão de análise sociológica se apresenta: trata-se da dimensão dos afetos comuns. Visto que traz consigo a indagação sobre quais afetos propiciam a associação, isto é, a agregação de indivíduos em grupos. Em outras palavras, que afetos promovem a união social, a solidariedade, já que afetos comuns decorrem de esquemas concatenadores de pensamento comuns e, consequentemente, de emoções comuns (LORDON, 2015; SAFATLE, 2016b). E, ainda, de onde se originam esses afetos? Eles mudam? Como eles mudam?

⁵ A noção de hábito aqui adotada baseia-se na definição de Bourdieu de *habitus* entendido como “uma classe de gostos produzidos pelos condicionamentos sociais cuja função é a de dar conta da unidade de estilo que vincula as práticas e bens de um agente singular ou de uma classe de agentes, dando assim, unidade de estilo a uma classe. Assim, o *habitus* é essa espécie de senso prático do que se deve fazer em dada situação.” BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 11. ed.; tradução: Mariza Corrêa. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1996, pp. 13-48.

Frédéric Lordon (2015) manifesta que os afetos comuns são originários das próprias estruturas sociais devido ao fato do conatus, enquanto substância indeterminada, só adquirir forma pelo contato com essa estrutura social através de seus moldes institucionais e nas suas subsequentes relações sociais. Por isso, ao simbolizarem investimentos possíveis ao conatus, acabam o determinando para alguma coisa, como por exemplo, à fortuna, ao trabalho, à indignação, à revolta dentre outros.

“Afinal, qualquer instituição não passa de uma estabilização temporária de certa relação de potências, sendo esta a mesma que tal instituição estabelece com os indivíduos contidos (a conter) em seu império. O *imperium* da instituição nada mais é que o afeto comum que ela consegue produzir para determinar que os indivíduos vivam de acordo com sua norma – e que Espinosa chama de *obsequium*, afeto de reconhecimento da autoridade institucional e de obediência aos seus comandos: assim, o *obsequium* salarial produz em todos os normalizados o movimento de se levantar pela manhã para “ir ao trabalho” e fazer o que foi designado a fazer. Porém, como todo afeto, esse afeto comum só é determinante na condição de não ser “reprimido ou suprimido por um afeto contrário e de intensidade superior”. Indo da reprodução do regime à crise aberta, a relação de potência entre o *obsequium* institucional e os afetos contrários, reacionais, que fazem nascer muito frequentemente a subordinação e o comando, essa relação entre a instituição e seus sujeitos é, em graus diversos, sempre tensa. (LORDON, 2015, p.81)

O que nos abre para a compreensão da ambivalência intrínseca existente nos circuitos de afetos que a sociedade faz circular, pois, se de um lado e de certa maneira limita e reprende o conatus individual à certos modelos por ela tidos como aceitáveis; por outro, e simultaneamente, pelo fato dos indivíduos serem complexos e, portanto, interiorizarem essa realidade de modo sempre particular, faz surgir internamente a pólvora que pode levar esses modelos, por ela estabilizados, à sua mutação ou mesmo a destruição completa. (SAFATLE, 2016a; LORDON, 2015)

Logo, a sociedade pode ser vista como um conjunto de estabilizações temporárias decorrentes de discursos, também estes temporários e contextualizados, que se tornaram hegemônicos em sua circulação de senso comum, mas que encontram-se sempre em disputas por outras narrativas sobre essa sociedade e mesmo sobre como ela deve ser em seu futuro (LACLAU; MOUFEE, 1987). Desse jeito, a política aparece como um campo de disputa de discursos e de visões de mundo dos mais diversos, no que se refere a sua forma e conteúdo, e cujos reflexos encontramos nas instituições e práticas sociais de uma coletividade, bem como no modo como ela lida com essas diferentes narrativas.

Discursos estes que são produzidos e mantidos não só por reflexões racionais, mas também impulsionados e aderidos por afetos específicos, que não surgem de forma irracional por obra da natureza de determinadas pessoas, mas se realiza através da conjunção de vidas

psíquicas idiossincráticas e, principalmente, de contextos e situações sociais. E, “parece não existir atividade que mobilize afetos tão intensos quanto a política” (PENNA, 2017, p. 20). “O que nos leva a dizer que a política é, em sua determinação essencial, um modo de produção de circuitos de afetos” (SAFATLE, 2016a, pp 38-39).

Assim,

“Se não é a adesão tácita a sistemas de normas que produz a coesão social, então devemos nos voltar aos circuitos de afetos que desempenham concretamente esse papel. Eles nos permitirão compreender tanto a natureza de comportamentos sociais quanto a incidência de regressões políticas, desvelando também como normatividades sociais fundamentam-se em fantasias capazes de reatualizar continuamente os mesmos afetos em situações materialmente distintas umas das outras.” (SAFATLE, 2016a, p. 16)

A dimensão emocional-afetiva apresenta-se, desse modo, como importante elemento constituinte da ação dos indivíduos. E compreendendo a “ação” como corpo em movimento, então, conforme Lordon (2015), podemos vê-la como movimento de um corpo desejante que, por sua vez, foi determinado a desejar certos fins dessa ação. Cabendo, portanto, “perguntar-se que afecções – que coisas exteriores – produziram os afetos que foram os operadores dessa determinação de se movimentar” (LORDON, 2015, pp. 64-65).

Em vista disso, a dimensão dos afetos não deve ser preterida ou menosprezada pela sociologia, posto que representa importante componente para o entendimento da ação humana e seus sentidos. Elemento, inclusive, que, como bem demonstrou Koury (2009), já aparecia de forma subentendida e latente nas produções clássicas da sociologia. Além disso, trata-se de um elemento que proporciona a apreensão da sociedade como entregue a contingências, logo, a concebe como dinâmica e mutável e não como uma forma específica estável.

2. As ocupações na UnB de 2016 como acontecimento

Tendo em mente o exposto no capítulo anterior, a dimensão emocional-afetiva aparece como um objeto atrativo e relevante nos estudos de movimentos de protesto especialmente por esses consistirem em “esforços persistentes e intencionais para promover ou obstruir mudanças jurídicas e sociais de longo alcance” (JASPER, 2016, p. 23) e de serem, também, caracterizados por representarem movimentos coletivos e organizados (JASPER, 2016, p. 23.). Portanto, indicam a possibilidade de apreensão tanto dos afetos que motivam a união de diferentes indivíduos em um grupo quanto da tensão entre narrativas diferentes sobre o social.

Com isso em mente, a presente monografia empenhou-se a examinar os afetos que propiciaram as ocupações ocorridas na Universidade de Brasília (UnB) em 2016, bem como as emoções decorrentes dessas ocupações. Para tal pesquisa, como dito anteriormente, foi estabelecida uma amostra na qual os aspectos sociodemográficos de seus participantes encontram-se dispostos conforme indicado na tabela abaixo:

Tabela 1 - Característica da Amostra da Pesquisa

Pessoa ⁶	Sexo	Curso	Cor ou Raça	Idade ⁷
A	Masculino	Ciências Sociais	Branco	22
B	Masculino	Ciência Política	Branco	22
C	Masculino	História	Branco	22
D	Feminino	Arquitetura	Branca	21
E	Feminino	Filosofia	Negra	21
F	Feminino	Ciências Sociais	Negra	22
G	Masculino	Engenharia Florestal	Branco	23
H	Feminino	Engenharia Química	Branca	24
I	Feminino	Ciências Biológicas	Branca	23
J	Masculino	Engenharia Química	Branco	24

Fonte: pesquisa realizada pela autora

Em virtude da diversidade interna da comunidade acadêmica da UnB, também foram coletadas informações referentes à renda das pessoas que compõe a amostra da pesquisa, bem como dados referentes a sua moradia e forma de locomoção para a universidade.

Tabela 2 - Dados da Amostra referente à renda⁸

Pessoa	Renda individual	Renda Familiar
A	1 salário mínimo	9 salários mínimo ou mais
B	1 a 3 salários mínimos	6 a 9 salários mínimos
C	menos 1 salário mínimo	menos 1 salário mínimo
D	1 a 3 salários mínimos	Não soube responder
E	1 a 3 salários mínimos	1 a 3 salários mínimos
F	1 a 3 salários mínimos	1 a 3 salários mínimos
G	não possui	1 a 3 salários mínimos

⁶ Em respeito aos entrevistados e às entrevistadas, bem como por respeito a questões de ética de pesquisa, todos os nomes dos entrevistados e das entrevistadas foram modificados. Assim sendo, optou-se por representá-los pelas letras do alfabeto.

⁷ Dados referentes ao ano de 2019.

⁸ Dados referentes ao ano de 2019.

H	3 a 6 salários mínimos	3 a 6 salários mínimos
I	não possui	9 salários mínimos ou mais
J	1 a 3 salários mínimos	6 a 9 salários mínimos

Fonte: pesquisa realizada pela autora

Tabela 3 - Dados referente à locomoção e moradia⁹

Pessoa	Moradia	Locomoção
A	Lago Norte	Carro
B	Plano Piloto	Bicicleta/transporte público
C	Plano Piloto	Transporte público
D	Plano Piloto	A pé
E	Cidade Ocidental	Transporte público
F	Plano Piloto	A pé /transporte público
G	Ceilândia	Transporte público
H	Samambaia	Transporte público
I	Plano Piloto	Carro/Transporte Público
J	Plano Piloto	A pé/Bicicleta

Fonte: pesquisa realizada pela autora

Além dos dados citados acima, vale destacar que das dez pessoas que compõe a amostra 8 delas declararam não possuir religião, uma agnóstica e uma espírita. Ademais os locais ocupados por essas pessoas foram: a reitoria, o BSAS, a FAU, o CET, o PAT e o PJC.

2.1. As ocupações na UnB

As ocupações na Universidade de Brasília (UnB) tiveram seu início marcado no dia 31 de outubro do ano de 2016 após a deliberação em Assembleia Geral dos Estudantes, com participação de mais de 1300 estudantes, convocada pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE) neste mesmo dia. Integraram-se ao movimento nacional, conhecido sob a denominação de “Primavera Secundarista”, a qual se caracterizou, segundo anunciado pelo jornal G1 publicado no dia 27 de outubro de 2016, pela ocupação de mais de mil escolas, institutos e universidades federais, estaduais e municipais em todo o país.

As ocupações na UnB configuraram-se por representar a maior mobilização estudantil desta instituição desde 2008 e pela ocupação de 16 espaços em toda universidade. Sendo eles: a reitoria, o Bloco de Salas de Aulas Sul (BSAS), o quilombo, a Faculdade de Arquitetura e

⁹ Dados referentes ao ano de 2019.

Urbanismo (FAU), a Faculdade de Comunicação (FAC), a Faculdade de Ciência da Informação (FCI), a Faculdade de Educação (FE), o Instituto de Artes Visuais (IDA), o Instituto de Artes Cênicas (CEN), o Instituto de Música (IM), o Centro de Excelência em Turismo (CET), o Pavilhão Anísio Teixeira (PAT), o Pavilhão João Calmon (PJC), o Bloco de Salas de Aulas Norte (BSAN)¹⁰, o Instituto Central de Ciências Sul (ICCS) e a Faculdade de Planaltina (FUP). Além desses locais, mais ao fim do período das ocupações na UnB, foi realizada a ocupação da Faculdade de Direito (FD) por um grupo de alunas mães, ficando a ocupação conhecida como “ocupação das mães”.

Figura 1 - Mapa dos Espaços ocupados na UnB



Fonte: site Ocupa UnB

As ocupações da UnB também se destacaram por terem sido o local que recepcionou a vinda de estudantes de outras localidades¹¹, através de caravanas organizadas pela União Nacional dos Estudantes (UNE), para a realização de atos nacionais nos dias de votação da Proposta de Emenda Constitucional nº 55 de 2016 (PEC 55) no Senado Federal. Os atos foram realizados nos dias 29 de novembro de 2016 e 13 de dezembro de 2016.

Além disso, foi criada a página “Ocupa UnB” no *facebook* em que eram transmitidas várias informações referentes a: programações de atividades das ocupações, lista de itens que estavam sendo necessitados em cada ocupação, compartilhamento de matérias jornalísticas

¹⁰ A ocupação realizada na BSAN ficou conhecida por “ocupação das minas” em virtude de ter se tratado de uma ocupação realizada apenas por mulheres.

¹¹ A escolha da UnB para a recepção das diversas caravanas decorreu em virtude de sua proximidade em relação ao Senado, local aonde aconteceriam as votações da PEC. Para mais ver: UNE. **Ocupações de todo o Brasil vão se unir na universidade de Brasília**. Disponível : < <https://une.org.br/noticias/ocupacoes-de-todo-o-brasil-va-se-unir-na-universidade-de-brasilia/>>. Acesso em: 30 de jun. de 2019.

sobre as ocupações e sobre o estado das reformas governamentais, pedidos de indicações de professores, artistas e figuras públicas para realização de atividade e, também, havia a divulgação de listas de quais Centros Acadêmicos (CAs) estavam aderindo à greve estudantil da UnB. Essa página buscava ainda ser, segundo publicação nela contida, uma cobertura colaborativa com o objetivo de disputar discursos narrativos com a mídia sobre o estado e condições das ocupações que estavam ocorrendo na Universidade. Posteriormente, foi criado um site com o mesmo nome da página com informações sobre a ocupação num âmbito geral.

2.2. As ocupações sob a perspectiva de acontecimento

Movimentos sociais podem ser investigados a partir de várias abordagens cujo foco de análise vai, de um lado, para aspectos macrossociais como contextos históricos ou para aspectos microssociais, de outro lado, como o indivíduo e suas ações. Essas várias possibilidades de abordagem do objeto proporcionam dilemas na escolha do centro de análise sobre o qual a investigação será realizada, dando vida a dicotomia ator-estrutura (MENDONÇA, 2007; JASPER, 2016).

No presente trabalho, e objetivando pensar e captar a dimensão afetiva, as ocupações, como um movimento de protesto, serão exploradas perante a noção de acontecimentos. Sendo o acontecimento entendido como “uma espécie de ruptura na continuidade da experiência, que afeta os sujeitos ao mesmo tempo em que é afetado por eles” (MENDONÇA, 2007, p. 119).

Dessa maneira, a noção de acontecimento permite a união tanto do olhar macrossociológico quanto do olhar voltado aos ângulos microssociológicos, uma vez que, com base nessa ideia, é possível apreender que “há algo no cruzamento entre sujeitos e o contexto que, por assim dizer, permite que uma noção de coletividade irrompa” (MENDONÇA, 2007, p. 116). Isso pois a perspectiva do acontecimento propicia o entendimento da experiência como que fundada em um sofrer e um agir (LAGE; BARCELOS, 2011).

O acontecimento, funciona, assim, como um campo problemático que surge na experiência de vida tanto do indivíduo quanto da sociedade, na medida em que “desenvolve a dupla ideia de que as coisas são sentidas antes de serem colocadas em discurso.” (LAGE; BARCELOS, 2011, p. 179). Desta forma, a experiência seria o resultado de três processos: o primeiro se refere ao sentir algo existente na realidade e cujo total controle não lhe é possível; o segundo processo, consiste na posterior transformação dessa impressão em um objeto de pensamento quando, então, lhe atribuímos significação ao examinar sua consequência sobre o

corpo; e por fim, o último processo reside nessa produção de pensamento reflexivo. (LAGE; BARCELOS, 2011).

Nesse sentido, vale destacar outra importante característica do acontecimento que é sua qualidade de “entre-lugar”, de “agora”, ou seja, de viabilizar um olhar tanto para o passado quanto para o futuro, ligando ambos no desenvolvimento dessa qualidade. Pois,

“da mesma forma que cria as condições para sua própria compreensão, o *acontecimento* também instaura *possíveis futuros*. *Possível*, lembra Quéré com Granger, é aquilo que é susceptível de vir a se tornar experienciável pelos sujeitos, embora não o seja. Nos termos do autor, trata-se do *não-atual* em relação com o *atual*. A “abertura dos possíveis ‘praticamente acessíveis’ releva da própria dinâmica do desenvolvimento de uma situação (incluindo as expectativas e os projetos dos sujeitos)” (Quéré, 2005, p. 64). O agora confere, portanto, sentido tanto ao que se passou como ao que pode vir a se passar. Ele institui, ao mesmo tempo, passado e futuro.” (MENDONÇA, 2007, p. 121, grifo do autor)

Portanto, a noção de acontecimento nos possibilita pensar o indivíduo não como um ser totalmente autônomo no que se refere a suas ações, mas como um ser influenciado pelas instâncias sociais e seus subsequentes acontecimentos imprevisíveis. Além disso, frente esse campo problematizante, há a tentativa de domesticação para, dessa forma, tornar o devir apresentável (LAGE; BARCELOS, 2011; MENDONÇA, 2007).

“Movimentos sociais emergem no encontro quase que inexplicável e imprevisível entre um conjunto de sujeitos (dotados de certas emoções e razões) e uma conjuntura sociopolítica, econômica e cultural. Dessa situação, surgem quadros interpretativos que *abrem* o passado de maneiras inesperadas, fazendo com que futuros nunca dantes imaginados sejam colocados como possibilidades passíveis de construção” (MENDONÇA, 2007, p. 129, grifo do autor.)

As ocupações na UnB de 2016 podem, então, ser compreendidas, como se verá em seguida, como um acontecimento decorrente de um determinado contexto histórico e impulsionado por um sentimento de angústia que influi na experiência de jovens estudantes. E, ao mesmo tempo, pode ser entendida como um acontecimento que desencadeia, ao longo de seu desenvolvimento, outros microacontecimentos, pois instaura outra esfera pública problematizante.

2.3. As ocupações como reflexo prático do sentimento de desamparo

Tendo em mente as ocupações na UnB como um acontecimento, a primeira vantagem que nos aparece é compreendê-la como um efeito de “algo” surgido no cruzamento entre os

sujeitos e o contexto que possibilitou, de algum modo, o movimento dos estudantes e das estudantes de unirem-se na materialização do ato de ocuparem espaços de sua universidade em oposição a certos eventos sociais externos (MENDONÇA, 2007).

A segunda vantagem aparece quando voltamo-nos a este “algo” e o apreendemos como fruto de um afeto que proporciona o sentimento de angústia, denominado por Freud, de desamparo (SAFATLE, 2016; PENNA, 2017) e manifestado na indignação desses jovens ocupantes. Desse modo, a dimensão emocional-afetiva manifesta-se como a força que impulsiona os indivíduos à ação, como já visto em Espinosa, e demonstrado na primeira parte do presente trabalho.

Isto posto, conforme demonstra Safatle (2016) e Penna (2017), a angústia, em Freud, é pensada através de duas formas: o medo e o desamparo. Em que este último é descrito como a angústia do indivíduo diante de algo exterior que não consegue dominar e que possui, assim, clara relação com a expectativa, já que se apresenta como angústia diante de algo (PENNA, 2017; SAFATLE, 2016). E o medo, é visto como angústia “no sentido de reação ao perigo produzido por um objeto possível de ser representado” (SAFATLE, 2016, p. 51) e, então, passa a ser denominada como medo (SAFATLE, 2016, p. 51).

Dessa forma, o desamparo é pensado como

“A desmesura, pensada principalmente no sentido de ausência de capacidade de medida, é a condição para o desamparo. Assim, Freud pode afirmar: “a angústia é, de um lado, expectativa (Erwartung) do trauma, e, de outro, repetição atenuada do mesmo.” As duas características que nos chamam atenção na angústia têm origem diversas, portanto. Sua relação com a expectativa se liga à situação de perigo; sua indeterminação e ausência de objeto, à situação traumática de desamparo, que é antecipada na situação real de perigo.” (SAFATLE, 2016, p. 52)

E ainda, tendo isso em mente, é possível

“compreender o desamparo como condição para o desenvolvimento de certa forma de coragem afirmativa diante da violência provocada pela natureza despossessiva das relações intersubjetivas e pela irredutibilidade da contingência como forma fundamental do acontecimento.” (SAFATLE, 2016, p. 55)

À vista disso, a motivação à ocupação de espaços na Universidade de Brasília em 2016 aparece, nos relatos coletados e nas observações realizadas na página “Ocupa UnB, no *facebook*, e demonstrados abaixo, como decorridos desse sentimento de desamparo compartilhado pelos estudantes e pelas estudantes.

2.3.1. O Contexto

Considerando as emoções como “uma teia de sentimentos dirigidos diretamente a outros e causado pela interação com outros em um contexto e em uma situação social e cultural

determinados” (KOURY, 2009, p. 84). Portanto, emergidas de afetos advindos do contato com a realidade social externa na qual os indivíduos estão inseridos. Então, um acontecimento público produz, através de seus atos, sensibilizações às experiências individuais e, desta maneira, influencia as ações individuais de diversos modos, podendo essas ações se materializarem como posturas de passividade ou reatividade frente os atos do acontecimento público em deferência (LAGE; BARCELOS, 2011).

Levando em conta o exposto, torna-se necessário refletir sobre como um contexto social específico impacta as experiências de um grupo de indivíduos a ponto deles concretizarem um movimento de protesto reivindicando não apenas atenção por parte do estado, mas também se expondo a conflitos políticos e saídas de “zonas de conforto”.

Na pesquisa produzida para presente monografia, apareceu de forma intensa o contexto político e social do ano de 2016 como influente na motivação para ocupação realizada na universidade por parte tanto dos entrevistados quanto nos vários *posts* presentes na página “Ocupa UnB” no *facebook*. Foi possível identificar dois principais polos semânticos de direcionamento do sentimento de indignação. Conforme apresentado na tabela 4:

Tabela 4 - Campos Semânticos do direcionamento do sentimento de indignação vinculado ao contexto político de 2016

Campos Semânticos do direcionamento da indignação com base no contexto de 2016	
Impeachment	Governo Temer
Golpe Político	Ataque à educação
Ataque à democracia	Reforma trabalhista
	Extinção de ministérios (Ministério da ciência, tecnologia e inovação e ministério da cultura).
	MP do Ensino Médio
	PEC 55/241
	Reforma de Previdência

Fonte: Pesquisa realiza com jovens ocupante e na página Ocupa UnB.

Assim, é preciso compreendermos o contexto sob o qual emergiu as ocupações na UnB em 2016

P: Porquê da ocupação ter acontecido, naquele momento específico, 2016?

R: (Pessoa A) - "Pra mim foi um momento de demonstração da indignação com a situação geral do país né. Aí eu vejo que foi tudo parte de um processo de cansaço e de indignação generalizada porque tanto pelo que tinha acontecido contra a Dilma né e tals quanto os ataques contra a educação pública"

(Pessoa H) - "Conjuntura nacional mesmo. Teve o impeachment da forma que foi e tipo articulação política puramente. Aí começou a ter vários cortes na educação, que ainda continua sendo agora com o governo atual. Então acho que o estopim foi a conjuntura nacional política mesmo, tudo que o Brasil tava vivendo na época."

(Pessoa J) - "As ocupações, pra mim, foram um movimento, naquela época né, contra a PEC, o governo Temer, aquele turbilhão que a gente vivia pós impeachment."

Como dito pela pessoa J, o ano de 2016 realmente foi um turbilhão, em especial, devido ao fato de ter ocorrido a abertura do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff de seu cargo, no dia 12 de maio de 2016, pelo Senado Federal. Com isso se deu o afastamento de Rousseff da presidência da República e o início do governo de Michel Temer, vice-presidente na chapa de Dilma, mas que já havia rompido com o partido da presidenta anteriormente. A passagem do "Governo Dilma" para o "Governo Temer", mesmo em seu período interino¹², foi marcada por uma série de protestos em razão de não ter acontecido um novo pleito eleitoral.

O ano de 2016 também foi caracterizado pelas ocupações de escolas, institutos e universidades federais, estaduais e municipais desde o início do ano até meados de dezembro. Além de casos de corrupção retratados diariamente pela mídia e consequentes quedas de ministros e deputados, houve mesmo a queda de Eduardo Cunha, então presidente da Câmara e responsável pela aceitação do processo de impeachment de Dilma Rousseff. Além do mais o ano ficou marcado pela impactante vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais dos Estados Unidos da América.

No que tange ao novo governo brasileiro, ao já ter rompido com o partido dos trabalhadores (PT) de Dilma Rousseff, Temer deixou de lado o plano de governo petista e

¹² Michel Temer se tornou presidente interino em 12 de maio de 2016 e em 31 agosto do mesmo ano assumiu como presidente efetivo, após o fim do processo de impeachment de Dilma Rousseff.

iniciou o exercício de seu governo focando na economia do país em que, segundo o jornal *El País*, em matéria apresentada no dia 29 de maio de 2017, dizia ser necessário fazer o trabalho sujo de impor medidas de austeridade e recuperar a nação.

Dessa maneira, iniciou seu governo com a nomeação de grande número de novos ministros e a extinção e junção de Ministérios Públicos, como por exemplo, a extinção do Ministério da Cultura (MinC) e a fusão do Ministério das Comunicações (MC) ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Tais atos governamentais possuíam o objetivo, segundo anunciado pelo governo Temer, de “enxugar” o Estado para a recuperação econômica do mesmo, consistindo, ao todo, na redução do número de ministérios de 32 para 23 e, também, na nomeação de 23 novos ministros.

Ainda objetivando a recuperação econômica, o governo Temer também encaminhou à Câmara e ao Senado uma série de reformas, de caráter imediatista, segundo o próprio governo, que foram desde a reformulação do ensino médio até um projeto de regulação fiscal de duração de duas décadas.

Temer, o “impopular”, eis como a fonte de notícias UOL, em matéria publicada no dia 30 de dezembro de 2018, referiu-se a ele e seu governo, quando o mesmo se destacou como o mais impopular desde a redemocratização do país, já que teve seu comando pautado em altíssimas taxas de rejeição, tendo finalizado seu governo com 74% da população considerando sua governança ruim ou péssima.

Muito dessa impopularidade foi perpassada pelo baixo diálogo do governo com a população e de escândalos envolvendo casos de corrupção, que surgiram em seu segundo ano. Parte de sua impopularidade foi também decorrente das propostas de reformas encaminhadas ao Poder Legislativo e que eram vistas como pró-mercado e anti-população.

Fora a qualidade e particularidade de cada uma das reformas, elas foram marcadas também por terem sido decretadas através de Projetos de Emendas Constitucionais (PECs)¹³ e Medidas Provisórias (MPs)¹⁴. Ou seja, medidas que passam diretamente para aprovação do

¹³ Conforme a plataforma de notícia Terra, a PEC é uma proposta de atualização, de emenda da constituição federal, portanto, exige mais tempo para seu preparo, elaboração e votação. Para mais ver: TERRA. **Proposta de Emenda à constituição (PEC)**. Disponível em: < <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/proposta-de-emenda-a-constituicao-pec.a29c30156b111276bcacf612a30ebe304b560amx.html>>. Acesso em: 09 de jul. de 2019.

¹⁴ Conforme a plataforma digital da Câmara dos Deputados, “A medida provisória (MP) é um instrumento com força de lei, adotado pelo presidente da República, em casos de relevância e urgência. Produz efeitos imediatos, mas depende de aprovação do Congresso Nacional para transformação definitiva em lei.” Cf. PORTAL DA CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Medida Provisória**. Disponível em: < <https://www2.camara.leg.br/comunicacao/assessoria-de-imprensa/medida-provisoria>>. Acesso em: 09 de jul. de 2019.

Poder Legislativo e sem a passagem por um amplo debate público com a sociedade sobre suas prerrogativas.

Dentre essas reformas destacou-se a Proposta de Emenda Constitucional número 55 de 2016 (PEC 55)¹⁵ aprovada em 13 de dezembro de 2016 e reconhecida nacionalmente como a emenda do “Teto de Gastos”. Com o objetivo de frear os gastos públicos, a proposta estabelecia um limite, um teto de despesas para as áreas públicas e reajustes de acordo com o valor da inflação do ano anterior. Além disso, esse regime fiscal teria a duração de 20 anos, podendo ser revisto após 10 anos de vigência.

Outra medida do mandato de Temer que chamou a atenção foi a Medida Provisória número 746 (MP 746) que versava sobre a reformulação do ensino médio. Grande parte da desaprovação popular ocorreu em razão de ter sido encaminhada para a Câmara através de medida provisória e desprezando, portanto, debates públicos sobre o assunto, que vinham sendo realizados por profissionais da área e pela sociedade.

“Nós nos opomos veementemente à MP que reformula o Ensino Médio! Acreditamos que qualquer reformulação na política educacional no Brasil deve passar por um amplo debate com a população, não deve ser imposta via Medida Provisória: esta é uma forma autoritária que impede as pessoas especialistas em educação e também todo o povo de participar na formulação do currículo escolar para nossos jovens. Nos opomos também à Lei da Mordaza, denunciando que a Escola Sem Partido é a Escola de Um Partido Só!” (OCUPA UNB, Facebook. Carta dos ocupantes do PJC e postado dia 03 de nov. de 2016)

Ademais, a MP 746 trazia em seu texto a implementação do ensino médio em tempo integral, alterando, assim, a carga horária de 800 horas anuais para 1400 horas. E mudanças no currículo a ser cursado, visto que este passou a ser dividido em conteúdos comuns e específicos, os primeiros se referem às disciplinas definidas como obrigatórias, sendo elas matemática, português e inglês, já as segundas dizem respeito às demais disciplinas que ganham o status de optativas.

Além disso, a MP 746 instituiu também o ensino técnico e permitiu que profissionais, mesmo não possuindo formação na área específica ao cargo pretendido, pudessem assumir tal cargo de professor desde que seja comprovado possuir notório saber. A MP 746 foi aprovada somente no início de 2017, mas desde o segundo semestre de 2016 seus atributos já se encontravam em ampla discussão pública.

¹⁵ A proposta era denominada PEC 241 durante seu processo pela Câmara dos Deputados, após a sua aprovação e passagem para o Senado foi renomeada de número 55. Por essa razão existe a referência a essa proposta de emenda constitucional como PEC 55/241.

“O atual presidente começa a mexer de forma equivocada na educação, propondo uma Medida Provisória (MP) que aborda a reforma do ensino médio, alterando artigos da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional - LDB) e da Lei nº 11.494, de junho de 2007 (Lei do Funeb), modificando a carga horária; a obrigatoriedade das disciplinas que reforçam pensamento crítico e estimulam o lado lúdico e motor, essencial na formação dos adolescente, como filosofia, sociologia, artes e educação física; e alterando a formação necessária para os professores, que não precisarão de formação específica para exercer tal atividade, portanto os diploma de licenciatura pode ser substituído por outro da área alegando notório saber sem a mínima formação em área de ensino.” (OCUPA UNB, Facebook. Manifesto ocupação BSAS UnB, postado dia 01 de nov. de 2016).

“É contrário a Medida Provisória 746/2016 que reformula o ensino médio brasileiro tirando a obrigatoriedade de cursos de licenciatura para professores atuarem na educação básica, assim como o fim da oferta obrigatória do espanhol para o ensino médio.” (OCUPA UNB, Facebook. Posicionamento do curso de Letras, postado dia 04 de nov. de 2016).

Outras reformas apresentadas por Temer foram a reforma trabalhista e a reforma da previdência. No entanto, nesses dois casos, apenas a primeira acabou sendo em parte aprovada. A reforma da previdência ainda que muito debatida não resultou em aprovação durante seu período de exercício de governo.

Além dos campos semânticos supra citados, também foram encontradas de forma recorrente menções as ocupações secundaristas, que já estavam ocorrendo desde o início do ano de 2016, e ao projeto de lei “Escola sem Partido”, que alegava em seu texto, e segundo seus apoiadores, ser necessário estabelecer nova legislação na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) direcionada a vigiar e impedir a transmissão de crenças ditas “pessoais” do professor para o aluno, especialmente, em relação aos assuntos relacionados com gênero e sexualidade.

“Além disso, a assembleia tirou posição contrária à proposta de reforma do ensino médio, apresentada via Medida provisória 746, que deseja destruir carreiras docentes e conteúdos da base nacional comum curricular. Bem como repudia o projeto Escola sem Partido que pretende restringir a livre discussão sobre os conteúdos de gênero e sexualidade assim como qualquer debate crítico. O projeto de Lei também pretende destruir as organizações dos grêmios estudantis.” (OCUPA UNB, Facebook. Posicionamento estabelecido na Assembleia Geral do dia 31 de outubro de 2016, postado dia 01 de nov. de 2016).

Nesse sentido, é interessante observar que “se os acontecimentos induzem a ações, estruturando um campo de experiência, é porque problematizam o segundo-plano” (MENDONÇA, 2007, p. 136). Ou seja, leituras da sociedade e consequentes possibilidades de produção de interferências na realidade com o objetivo de mudá-la, decorrem do interior da própria sociedade em um relacionamento intenso entre os atores, o plano simbólico e o

contexto. Em que esse último afeta os primeiros, que se valem de certos afetos para direcionarem as suas ações.

2.3.2 As causas e o desamparo

Apesar da importância da apreensão do contexto sociopolítico em que se desenrolam as mobilizações sociais, é imperativo compreender como, exatamente, esse contexto impactou tais sujeitos a ponto deles se impulsionarem à ação de participar da mobilização social e de a integrarem como grupo. Em outras palavras, o que do contexto realmente motivou os indivíduos a ingressarem no movimento social?

As causas e razões do envolvimento nas ocupações da UnB aparecem relacionadas com a educação e a sua qualidade, sendo essa percebida desde um ângulo nacional, por exemplo, a existência de uma educação pública, gratuita e de qualidade até dimensões mais específicas, como por exemplo, a existência e permanência de bolsas para projetos de extensão.

E as razões encontradas fazem referência às expectativas profissionais, voltadas a qualificação e expectativas para com a próxima geração no sentido da possibilidade de acesso a uma boa educação.

“P: Para você o que estava em jogo nessas ocupações da UnB?”

R: “(Pessoa C) Bom como eu sempre estudei em escola pública e sempre tive baixa renda. O meu medo justamente era o fim duma educação pública de qualidade né.”

(Pessoa B) “Eu acho que muito a possibilidade da universidade continuar e as esperanças das pessoas com relação à universidade seja uma possível perspectiva de sequer completar o seu curso.”

(Pessoa H) “A qualidade da educação mesmo. Tipo bolsas de estudo, iniciação científica porque, na época tava sendo votada a PEC dos gastos né, então com esse teto de gastos com certeza ia afetar a educação. Tanto é que agora tá só aumento os cortes aí na educação e isso, querendo ou não, vai precarizar o ensino de algumas formas”

Além disso, a dependência do indivíduo em relação as bolsas de estudos ou a própria vivência e, por conseguinte, o reconhecimento da realidade de classes mais pauperizadas, apresentavam-se, nos relatos coletados, como intensificadores do impulso para participação na mobilização universitária em 2016.

“P: O que te levou a participar das ocupações da UnB?”

R: (Pessoa J) “Na minha vida pessoal eu me via muito inseguro com o que tava seguindo em relação as minhas perspectivas, porque eu pensava, penso muito hoje ainda, em seguir carreira docente ou carreira acadêmica. E eu via os reflexos dessa política do Temer algo que poderia interferir muito. Então isso foi algo que me deixou extremamente ansioso.”

(Pessoa E) “Como eu moro no entorno , na periferia, eu tenho contato com a galera do ensino médio do entorno e a galera tem esse sentimento que a universidade pública não é para todos sabe, ainda é um espaço bastante elitizado, e com os ataques do Governo golpista do Temer, isso tava em jogo, sabe cada vez mais essas portas se fechado para essa galera, então o que me motivou foi isso. Sempre colocando os meus na frente e sempre tentado trazer a galera da periferia. E lutar pela universidade pública, naquele momento, tava representado isso”

Com relação ao exposto, é plausível admitir que o que moveu esses estudantes a participarem das ocupações da UnB foi o sentimento de desamparo em relação a possibilidade de continuar na vida acadêmica, ou poder se candidatar a um mestrado ou doutorado e mesmo a oportunidade de perseguir uma carreira desejada.

À vista disso, pode se observar como o indivíduo, esforça-se para preservar sua existência quando afetado por um contexto problematizante. Ao ter suas expectativas ou planos de vida futuros colocados em risco, o indivíduo volta-se, então, a um ato reflexivo sobre o qual vislumbra as possíveis consequências do acontecimento e, simultaneamente, suas possibilidades de ação (LAGE; BARCELOS, 2011).

Contudo, esse ato reflexivo não procede apenas de uma análise estritamente racional nem mesmo é proveniente exclusivamente da individualidade, mas vale-se de diversos processos anteriores sofridos na experiência de vida do indivíduo e que representam a ele fontes emocionais decisivas (ABRANTES, 2011). Afinal, “a construção de uma narrativa autobiográfica surge como processo de interpretação e unificação das experiências de socialização (ABRANTES, 2011, p. 132).

Com isso em mente, é possível observar a preocupação, existente nas falas, com as próximas gerações. Além dos vieses de classe congregados a essa preocupação com as gerações posteriores, e suas possibilidades de vivência da experiência universitária. E como elas agregam força ao sentimento de desamparo e a posterior disposição em participar das ocupações. Pois,

“em grande medida, cada indivíduo interioriza disposições, competências e valores, na medida em que as associa a uma identidade específica, resultante de uma negociação entre papéis atribuídos e intenções próprias.” (ABRANTES, 2011, p. 131)

Portanto, as ocupações na UnB de 2016, enquanto um acontecimento, podem ser compreendidas como a ruptura emergida na continuidade do tempo histórico e viabilizada pelo sentimento de desamparo, proveniente do contexto sociopolítico, que lhes impulsiona para uma ação reativa às medidas do governo do período e a busca de soluções alternativas.

Assim sendo, “a ação de movimentos sociais pode ser analisada, pois, como uma proposta de *refundação*. Trata-se de uma interrupção do curso automático da vida, por meio do surgimento de interpretações inesperadas que propõem novos modos de convivência.” (MENDONÇA, 2007, p. 128)

2.4. Os microacontecimentos da ocupação

As ocupações de 2016 na UnB, considerando o exposto na seção anterior, podem ser lidas como um acontecimento resultante de um outro acontecimento maior. Contudo, ao constituir-se na qualidade de acontecimento, as ocupações se transformam em um campo problemático próprio, ou seja, elas se transformam em um macroacontecimento produtor de outros microacontecimentos em seu interior.

Esses microacontecimentos são igualmente importantes de serem captados e estudados. Neste estudo foram encontrados dois importantes microacontecimentos: os impactados da estrutura às ocupações e as relações interpessoais no interior das ocupações.

2.4.1. As arenas da ocupação na UnB¹⁶

P: Como você se sentia em relação as táticas e estratégias adotadas?

R: (Pessoa J) “Existiam diferentes ocupações. Cada prédio tinha o seu jeito de tocar e organizar as coisas.”

James Jasper (2016) utiliza o conceito de “Arenas” para se referir aos “lugares em que ocorre a ação estratégica, governados por regras formais e tradições informais, em que os recursos só são usados de determinadas maneiras” (JASPER, 2016, p. 28). Com esse conceito, Jasper chama a atenção para as estruturas diante dos movimentos sociais e como elas influem nas experiências dos indivíduos e nas suas vivências durante o movimento.

¹⁶ É importante frisar que as considerações sobre o caráter da arena foram retirados a partir dos relatos coletados nas entrevistas, bem como das análises na página do movimento no *Facebook*. E que não foi realizada a partir de etnografia no momento de desenvolvimento do acontecimento das ocupações.

As ocupações da UnB possuem marcas de suas arenas, uma vez que a conformação espacial tanto dos locais ocupados quanto inerentes à própria estrutura da UnB afetam os planos e estratégias dos ocupantes, assim como as vivências particulares na ocupação. A primeira, e a mais perceptível dessas marcas, é a relativa aos modos de organização adotados pelo movimento.

De forma geral, os ocupantes formavam e dividiam-se em comissões ou grupos de trabalho. Cada espaço ocupado, geralmente, possuía cinco comissões, sendo elas: infraestrutura, comunicação, articulação, cultural e segurança (SITE CARTA MAIOR). Ademais, o movimento era concebido como democrático, já que sempre realizava assembleias gerais, e específicas de cada lugar ocupado, para estabelecer qual seria a posição ou ação a ser tomada pela comunidade de ocupantes.

A segunda marca é referente a própria disposição espacial dos prédios de salas de aula e de institutos na arquitetura da UnB. Esta conformação espacial proporciona setorizações baseadas em áreas de conhecimento, ou seja, os prédios de salas de aula e de institutos de cursos das áreas das ciências naturais e exatas, por exemplo, encontram-se dispostos pela ala sul da arquitetura da UnB. Por outro lado, os prédios e institutos de cursos vinculados a áreas de saberes das humanidades localizam-se, majoritariamente, na ala norte da estrutura arquitetônica da UnB.

Essa estrutura setorizada acabou impactando as ocupações na UnB por estas terem mantido, de certa forma, esse padrão organizacional devido ao fato dos cursos, que optavam pela ocupação, voltarem-se à ocupação dos espaços de seus institutos específicos ou dos locais aonde concentravam-se majoritariamente suas aulas. Com isso, por exemplo, grande parte dos estudantes de biologia fixaram-se no BSAS, os estudantes de ciências sociais concentraram-se no PJC, os estudantes de arquitetura fixaram-se na FAU e assim por diante.

Outra marca importante são os problemas originados pelas arenas e que são difíceis de serem solucionados pelos seus ocupantes.

“P: Para você, quais foram as maiores dificuldades?”

R: (Pessoa G) “Eu acho que o maior problema é a estrutura porque tipo assim a gente tava ocupando prédio para sala de aula e não era prédio de moradia, então a gente não tinha estrutura, para alimentação, para um número grande de pessoas nem para pernoitar, dormir por lá. e a galera que tem filho gostaria de ficar, quer está presente, mas não [tem com] quem deixar e não pode trazer os filhos porque pode gerar problemas.”

(Pessoa D) “Dormir à noite. Ter que ir fazer ronda a noite na UnB, a gente ficava com muito medo, todo mundo que tava aqui à noite, depois que terminava o horário do expediente, todo mundo ficava assustado, inquieto, com medo de qualquer coisa. Teve noite que a gente ficava assim com

medo tipo se a polícia chegar aqui e tiver todo mundo dormindo, era medo assim dessa situação.”

(Pessoa B) “um negócio que é inevitável assim... a galera que ocupou o PJC falava que era tipo um manicômio ali, era uma parede fechada, tudo branco assim e quando dava o horário da tarde tudo fechado, tudo fechado, tudo quente, virava um micro-ondas assim, e aí a galera ia surtando, ia piorando as relações entre as pessoas, a saúde mental das pessoas ia piorando. Então, a gente não teve capacidade também de dar conta disso.”

Além desses problemas, apareceram em relatos das entrevistas e nas observações à página Ocupa UnB, problemas relacionados às divisões de gênero em tarefas e, também, os conflitos que possuíam em seu centro questões de gênero.

“P: Como você descreveria a relação com as outras pessoas que estavam ocupando?”

R: (Pessoa C) “ foi difícil, porque eram pessoas diferentes, são demandas diferentes, por exemplo, a gente teve uma discussão que aconteceu na estrutura, a gente pode ver as relações de gênero dentro da própria ocupação né, por exemplo, quando foi definir quem ia ficar na segurança, majoritariamente, todos os homens quiseram ficar na segurança quanto a parte da estrutura ficou delegado às mulheres e eu trabalhava lá também. Então, por exemplo, uma discussão que a gente tinha todos os dias era ... quando os homens vão começar a fazer tarefas que são delegadas a tarefas domésticas, quando os homens vão começar a limpar as coisas, quando os homens vão começar a cozinhar. Então, brincava muito que a ocupação é uma extensão da vida né, então acabava que dentro da ocupação a gente tinha problemas que vinham da sociedade.”

Por fim, outra marca importante a ser frisada é que as ocupações da UnB não possuíam apenas pautas nacionais, elas também possuíam pautas internas advindas do próprio contexto da universidade.

“O movimento é de resistência aos ataques do governo Temer, mas também é para pautar as reivindicações internas da UnB. Por isso, incorporou na pauta o aumento imediato do valor das bolsas de permanência e moradia que não são reajustadas desde 2009, sendo respectivamente R\$465,00 e R\$530,00 insuficientes para o custo de vida no Distrito Federal. A assembleia entendeu que o aumento deve ocorrer de forma progressiva em acordo com o Índice Geral de Preços de Mercado (IGPM). Por fim, a assembleia votou o apoio à ocupação da sala BT 620 - ICC norte de estudantes negras/os que reivindicam um espaço para um CA que organize as suas respectivas pautas. Quilombo (r)existe!” (OCUPA UNB, Facebook. Postado dia 31 de nov. de 2016).

2.4.2. As relações entre os indivíduos nas ocupações

Este tópico possui, de acordo com o coletado na pesquisa, um caráter de ambiguidade, pois as relações interpessoais construídas são vistas, por um lado, como essenciais e como um dos principais ganhos para os sujeitos que participaram das mesmas, já que não só puderam fazer mais amigos como alargar os seus contatos com as pessoas e conhecimentos de outros cursos e áreas de saber. De outro lado, são tidas como um dos principais problemas enfrentados em toda a experiência das ocupações, porque estariam relacionadas às divergências internas e mesmo aos opositores do movimento.

“P: Como você descreveria a relação com as outras pessoas que estavam ocupando?”

R: (Pessoa F) “É muito desgastante, são muitos conflitos. Você fica muito desgastado emocionalmente. É muita informação. É muita mídia falando mal, você recebe as coisas de uma maneira muito mais intensa. Isso daí é surreal.”

A qualidade ambígua constituinte desse tópico decorre do fato de estar mais intrinsecamente relacionada com a capacidade de “autodesdobramento” do acontecimento, uma vez que como postulado por Mendonça (2007, p. 130) “se a ação representa um começo, tal início se prolonga no surgimento de outras ações, sempre efetuadas no espaço intersubjetivo criado relacionalmente.”

Dessa forma, ao concretizarem-se como um campo problemático próprio, ao posicionarem-se contra movimentos governamentais e, ao mesmo tempo, reivindicarem soluções alternativas, as ocupações na UnB viabilizaram a formação e organização de grupos contrários a ela. Nesse caso específico, tratou-se, fundamentalmente, do grupo “Respeita minha aula” que se posicionou contra as ocupações, por eles denominadas de “invasões”, e exigiam a desocupação dos prédios de salas de aula e a volta a continuidade da vida acadêmica e dos calendários de atividades universitárias.

Tal fato é proporcionado pela própria diversidade interna dos indivíduos universitários que vão, conseqüentemente, ser afetados de diversos modos pelo acontecimento das ocupações e, dessa maneira, vão estabelecer diferentes posições e ações perante a elas e as suas conseqüências. Além disso, as ocupações ao estabelecerem uma problematização na esfera pública instalam uma instância de choques de argumentos com os quais os ocupantes precisam lidar cotidianamente ao longo do movimento.

“P: Para você, quais foram as maiores dificuldades na ocupação?”

R: (Pessoa I) “Nos primeiros dias de ocupação a gente sofreu muita represália. Então, assim, de ficar acordado três noites seguida porque as pessoas ficam passando ou soltando bombinha perto do prédio pra dar

uma assustada na gente, passar gritando ou eu ter que acordar 7h da manhã porque tinha galera fazendo fogueira na frente do prédio, querendo tacar bolinha de papel com álcool pra dentro do prédio, rasgando cartaz e trazendo chicote. Então, a gente acha que não tava seguro no lugar que a gente tava e a UnB não tinha muito o que fazer nesse sentido.”

(Pessoa G) “Pra mim a maior dificuldade era referente a matérias porque meu curso é muita de exatas e tem muitos professores que não aderem à greve, não querem nem saber, se tipo tem matéria que eu tô de condição se eu não for aprovado eu tô jubilado assim.”

“As Ocupações da UnB e o calendário eleitoral do DCE
Vivemos um momento de levante político na UnB e no Brasil. Depois de uma assembleia com mais de 1400 estudantes, nós universitárias/os ocupamos toda a UnB contra a PEC 241. Temos muito orgulho de politizar e agitar essa instituição. Infelizmente, o grupo político Aliança Pela Liberdade ¹⁷tem feito uma campanha caluniosa contra nossa ocupação. A aliança publicou na sua página uma nota falaciosa que dá a entender que um dos intuitos do nosso movimento político é adiar o calendário eleitoral do DCE, destruir essa entidade e impor para o conjunto das/os estudantes um modelo de gestão de DCE sem a aprovação do corpo discente da UnB.” (OCUPA UNB, Facebook. Postado dia 03 de nov. de 2016).

É notório perceber, por conseguinte, como a apreensão desses microacontecimentos, nos leva a captar outras emoções e afetos que são gerados após o estabelecimento da Ocupação como um acontecimento público e que impactam os indivíduos em suas ações e em seus sentimentos descarregados durante o desenvolvimento do movimento

3. As emoções vividas nas ocupações

Com base no apresentado ao longo das duas últimas partes da presente investigação, a ação dos indivíduos é constituída com base em suas experiências e essas, por sua vez, despontam como fruto da relação dinâmica entre sociedade e indivíduos de um modo sempre tenso e coproduzido (ABRANTES, 2011; MENDONÇA, 2007; BERGER; LUCKMANN, 2014).

Deste modo, para além de afetar a dimensão racional-reflexiva dos indivíduos, a sociedade, em suas várias instâncias, influi na dimensão emocional-sentimental dos mesmos de modo a propiciar o surgimento e direcionamento de sentimentos comuns que impulsionam indivíduos a união em grupos, uma vez que encontram-se na base do fundamento intrínseco dos

¹⁷ A Aliança pela Liberdade é uma chapa universitária que, no ano de 2016, buscava reeleição e, portanto, havia acabado de terminar um mandato pouco tempo antes do início das ocupações. A assembleia convocada para deliberação das ocupações ocorreu em momento eleitoral e, portanto, foi convocada pela comissão eleitoral da época.

desejos desses indivíduos. (LORDON, 2015) Desejos que são variados e fundamentados pela posição do indivíduo na estrutura social e de seus subseqüentes *habitus* dela decorrentes, além, claro, de haver interferências de questões mais idiossincráticas de cada indivíduo. (LORDON, 2015).

Logo, percebemos o campo político de uma sociedade como responsável pela produção de afetos comuns que, por sua parte, pode possibilitar uma postura passiva ou reativa dos indivíduos. Ao concentrarmos o olhar sobre as ocupações na UnB de 2016, notou-se o desamparo com o sentimento comum que impulsionou diferentes jovens a unirem-se em um movimento de protesto contra o governo do período. Agora resta-nos observar as emoções comuns conseqüentes desse movimento e presente nas falas dos entrevistados e das entrevistadas.

3.1. O Medo

O medo e o desamparo, apesar de se manifestarem como tipos diferentes da angústia (PENNA, 2017; SAFATLE 2016), não são sentimentos excludentes. Pelo contrário, o medo enquanto “forma de angústia que encontrou um objeto, no sentido de reação ao perigo produzido” (SAFATLE, 2016, p. 51) aparece como resultado, como sequela do trabalho realizado, pelo indivíduo, de domesticação dessa indeterminação angustiante, que representa o “estar desamparado”, para assim, reduzir sua complexidade e torná-la inteligível e direcionável de forma pública e socialmente (SAFATLE, 2016; LAGE; BARCELOS, 2011).

Isto posto, conseguimos encontrar, como demonstrado nas falas coletadas, a angústia do desamparo trabalhada intelectualmente pelos ocupantes sobre a forma do medo às ações governamentais. Bem como, encontramos também a referência ao medo à segurança, pois os indivíduos, ao ocuparem, encontravam-se desamparados de qualquer forma instituída de segurança que podia os proteger contra quaisquer ataques e confrontos vindos de opositores dos movimentos e, também, os resguardar de possíveis processos jurídicos e prisões.

“P: Para você, quais foram as maiores dificuldades na ocupação?”

R: (Pessoa F) “Um dos cenários mais difíceis era ter que lidar com essas inconstâncias da segurança. Cê tava ocupando? Cê tava, mas a reitoria a qualquer momento podia pedir uma reintegração de

posse¹⁸, que eles ameaçaram várias vezes, se você tivesse lá, cê seria preso sacô. Era difícil lidar com isso.”

Além disso, o medo é concebido como um sentimento de qualidade ambivalente, visto que, ao mesmo tempo, em que pode paralisar a ação de um indivíduo, ele, enquanto submetido à lógica do desamparo e não do ódio, também pode incentivar a ação do mesmo em busca da preservação de suas características e existências. O que leva a uma concordância com o argumento apresentado por Vladimir Safatle (2016, p. 19), e de contrariedade com a tese espinosana, de que “talvez não exista algo como ‘paixões tristes’ ou ‘paixões afirmativas’. Existem paixões, com sua capacidade de às vezes nos fazer tristes, às vezes felizes”. E, indo mais além, tal variância de valência parece decorrer do mundo social externo que se impõem aos indivíduos.

A diferenciação do medo em termos de sua qualidade de advir do desamparo ou do ódio é retirada da diferenciação procedida por Espinosa, e apresentada no trabalho de Bittencourt (2008, p. 93)

“O medo é uma tristeza instável nascida da ideia de uma coisa futura ou passada, do resultado da qual duvidamos numa certa medida (Ética, III, Definição da Afecções, XIII, p.327); o ódio não é senão a tristeza acompanhada de uma causa exterior. (...) aquele que odeia esforça-se por afastar e destruir a coisa que odeia (Ética, III, Escólio da Proposição XIII, p. 287).”

3.2. A Esperança

Outro sentimento comum apreendido de forma unânime nas falas dos entrevistados e das entrevistadas, e nas observações realizadas à página da ocupação no *Facebook*, é o sentimento de esperança que, como expôs Safatle (2016) anda de forma conjunta com o medo, assim, não há medo sem esperança.

“P: Para você, o que estava em jogo nessas ocupações da UnB?”

R: (Pessoa A) “A gente tinha uma esperança, mesmo que não muito realista, assim que no fundo todo mundo sabia que a PEC ia passar de

¹⁸ No dia 21 de novembro de 2016, o juiz Itagiba Catta Pretta, da 4ª vara federal do distrito federal aceitou o pedido de reintegração de posse feito por um estudante de direito. Na decisão o juiz determinava a desocupação imediata dos prédios em até 48h. Além disso, o juiz deixava no documento de sua decisão o lembrete para o reitor Ivan Camargo de que este poderia requisitar uso da força policial para promover a desocupação caso o descumprimento do prazo de 48h fornecido. Além disso, nas causas para essa decisão, o juiz afirmava o prejuízo para as aulas e para a realização do exame nacional do ensino médio (Enem) e o caráter do movimento de representar um ato “político”. Para mais informações ver: IG. **Juiz determina retirada de estudantes da UnB em até 48h após um mês de ocupação**. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2016-11-21/unb.html>>. Acesso em: 29 de jun. de 2019.

qualquer jeito e tals, mas mesmo assim a gente tinha a esperança que na ação organizada a gente ia barrar isso sabe?”

“P: Quais eram suas expectativas com as ocupações na UnB?

(Pessoa D) “Minha expectativa era que ninguém morresse e que ficasse todo mundo bem, todo mundo saudável e que conseguisse barrar a PEC quer dizer a PEC não, mas que conseguisse barrar o aumento do RU.”

(Pessoa C) “Bom eu achava que a gente ia conseguia resolver. Eu achava que a gente com um movimento junto com os secundaristas, a gente conseguiria barrar a PEC, a gente conseguiria pedir por exemplo, uma demanda que saia do PAT era uma demanda por mais bolsas de assistência estudantil, por um processo mais transparente dos gastos da universidade.”

A esperança exprime as características dos acontecimentos de “olhar concomitantemente, para frente e para trás, situando-se no entre-lugar” (MENDONÇA, 2007, p. 120). Ou seja, a esperança relaciona-se com o horizonte da expectativa, para o campo dos possíveis futuros, para o campo da possibilidade de mudança social (SAFATLE, 2016; MENDONÇA, 2007). Dessa forma, a esperança representa a contingência que é inerente ao social e à própria dialética da vida em sociedade.

O sentimento de esperança, deste modo, possui íntima ligação com a categoria do tempo ao expressar-se como expectativa de amparo e, nesse sentido intensifica o impulso individual de busca por alternativas à forma como o acontecimento estava lhe afetando (LAGE; BARCELOS, 2011; SAFATLE, 2016).

Além disso, de acordo com Safatle (2016), a relação intrínseca entre o medo e a esperança, bem como sua relação de opostos também advém de definições de Espinosa:

“Vem de Spinoza essa compreensão de medo e de esperança como relações ao tempo de valência invertida: “a esperança é uma alegria instável, surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos alguma dúvida. O medo é uma tristeza instável, surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos alguma dúvida”. Pois se medo é a expectativa de um dano futuro que nos coloca em risco, esperança é expectativa da iminência de um acontecimento que nos colocaria no tempo da iminência potencialmente desprovida de antagonismos insuperáveis.” (SAFATLE, 2016a, p. 99)

3.3. A Solidariedade

O sentimento de solidariedade advém, nas falas coletadas, do caráter de grupo observado nas ocupações da UnB e possui uma forte relação com os aprendizados agregados aos indivíduos após a vivência das ocupações.

“P: Como você descreveria a relação com os outros indivíduos que estavam ocupando?”

R: (Pessoa D) “Eu acho que eu fiz muitos amigos, conheci muitas pessoas eu acho isso muito importante, depois eu me envolvi com a questão da “Todas as Vozes”¹⁹ e o DCE.”

“P: Com você se sentia em relação às táticas e estratégias adotadas?”

R: (Pessoa H) “Esse momento foi o momento que eu mais tive contato com pessoas de outras formações aqui na UnB. Então, pensando no meu pessoal, foi bem agregador assim. Teve muitas atividades com professores de outras áreas que me fez abrir a cabeça assim.”

Foram relatados de forma unânime, nas entrevistas coletadas, de que maneira o contato com pessoas de diferentes cursos e de diferentes perspectivas políticas os proporcionaram muitos aprendizados, bem como conhecimento de coletivos atuantes dentro da universidade. As dinâmicas de divisão dos ocupantes em grupos também foram relatadas como bastante influentes para um conhecimento maior sobre as instâncias da universidade e mesmo de outros locais da universidade.

Nesse sentido, o sentimento de solidariedade concerne à ideia de “multidão”, dado que as ocupações manifestam a união em um movimento de pessoas diversificadas através da partilha e não da sujeição e que anseiam a transformação social de algum aspecto da realidade exterior (SAFATLE, 2016; BITTENCOURT, 2008).

3.4. A Frustração

O sentimento de frustração, por fim, manifesta-se como uma emoção desencadeada após o término das ocupações e relacionada não só com o seu resultado, mas também pelo modo como se desencadeou o desenrolar de todo o acontecimento. A frustração é aqui compreendida como um sentimento de tristeza que, para além da derrota das principais pautas de caráter nacional do movimento, aparece como tristeza pela forma como o governo conduziu o diálogo e a consideração para com o movimento contestatório.

Ela relaciona-se, deste modo, com a visão e a confiança dos indivíduos na política como um campo de ponderação de conflitos e reflexão sobre o bem comum.

“Qual foi a forma que nós tivemos, que os estudantes brasileiros tiveram pra chamar a atenção da sociedade? Parar escolas e universidades. Foi assim, e foi dessa maneira

¹⁹ A “Todas as Vozes” foi uma chapa criada para concorrer ao DCE e formada após as ocupações. A chapa, além disso, era composta por grande número de pessoas que haviam participado das ocupações e conseguiu ser eleita no ano após as ocupações.

que nós chamamos a atenção da sociedade pra esse debate. Ou será que se as escolas e as universidades não tivessem ocupadas a sociedade estaria nesse patamar de debate da PEC que nós estamos agora? Então nós elevamos o debate na sociedade e elevamos porque não houve espaço pra diálogo e, por isso, nós precisamos radicalizar. Radicalizar nas ocupações, que são ocupações pacíficas, ocupações que se propõem ao diálogo, ocupações que são abertas e que convocam a sociedade brasileira a debater a PEC 241/55 e não que fazem o que a imprensa e outros grupos políticos contra o nosso movimento político tentam fazer passar.” (Ocupa UnB, Facebook. Vídeo de discurso proferido no Senado Federal sobre a PEC 55 e postado dia 03/11/2016)

“P: Qual sua visão e sentimento sobre o resultado do período da ocupação na UnB?”

R: (Pessoa C) - "Eu me sinto frustrado. De verdade. Como eu disse, não pelo movimento eu acho que todo mundo que foi, foi com uma seriedade. E o problema não foi a derrota, mas foi como tudo aconteceu. Foi como a gente sentir que a nossa voz, a nossa luta foi negligenciada pelo estado de uma maneira que, apesar da gente esperar, foi muito dura.”

“P: Quais suas expectativas com as ocupações na UnB?”

R: (Pessoa F) - “E o último grito da misericórdia tipo... olhem pra gente, estamos falando disso, é muito importante”

“P: Qual sua opinião sobre os processos participativos e a política brasileira na atualidade?”

R: (Pessoa B) - "A discussão da PEC não dá pra chamar que teve uma discussão ... porque discussão da PEC seria o que a gente tava propondo e tentando fazer na prática, que era todos os locais de estudo que vão ser afetados, conversarem pra saber se essa é a melhor ou pior medida que pode ser tomada. Então ... acho que na política brasileira a participação é totalmente excluída como foi no debate da PEC e tudo mais.”

(Pessoa J) - “As experiências que a gente teve em 2016 como um todo, não só nas ocupações, mas nos protestos que a gente foi, tivemos protestos enormes, e tivemos até fotos emblemáticas porque sofremos muita repressão, mas que naquela época era um murro em ponta de faca atrás do outro né. Não adiantava, a gente fazia, a gente ia pra rua, a gente lotava a rua.”

Este sentimento de frustração pela falta de consideração e diálogo, apresenta-se extremamente vinculado com a confiança na política brasileira. Política essa descrita nas entrevistas como desastrosa, triste, alheia a apreciação das opiniões populares. Confiança que aparece, já nos trabalhos de Rosanvallon (2018a; 2018b), como um sentimento de grande importância para o exercício do governo democrático.

P: Qual sua opinião sobre esse tipo de processo participativo e a política brasileira na atualidade?

R: (Pessoa I) - “Acho que o que a gente tá vendo agora é o reflexo de anos e anos de coisas acumuladas. E eu acho que principalmente por falta de debate. Então acho que desde as coisas da época da ditadura, que não eram muita faladas, agora que nós temos as comissões da verdade e todas essas coisas. E eu acho que essas faltas

de debates e diálogo e de mostrar pras pessoas o que aconteceu tem muito reflexo com a falta de informação.”

(Pessoa B) “Cara, eu acho que a política brasileira não gosta de participação popular, assim pra mim isso é o explícito.”

(Pessoa C) “hoje eu tenho uma visão muito desesperançosa desse tipo de intervenção sabe, porque, como eu disse, parece muito que a ferramenta estatal sempre vai tá contra esse tipo de iniciativa.”

À vista disso, o sentimento de frustração figura como de importante consideração quando se quer pensar a imagem do quadro político para uma sociedade, pois evidencia ser um sentimento posicionado do lado oposto do espectro quando se tem em mente a ideia de confiança.

Por seu lado, a ideia de confiança assinala para necessidade de apreço à propriedade governamental de um sistema democrático e não somente ao caráter processual-regimental dele (ROSANVALLON, 2018a). Ou seja, é preciso voltarmos o olhar para a forma como são geridos os preceitos dispostos pelo sistema democrático (ROSANVALLON, 2018a).

Sendo esse olhar para a gestão da democracia não um olhar que busca a eficiência, mas um olhar que pense a qualidade dessa democracia, que pense a forma como os sujeitos estão sendo afetados pelo seu desempenho (ROSANVALLON, 2018a). E, assim, uma visão para esse sistema que busque afastar o sentimento de aversão à política. Sendo este sentimento compreendido, segundo a perspectiva de Espinosa, como “a tristeza acompanhada da ideia de uma coisa que, por acidente, é causa da tristeza” (ESPINOSA, 1997 *apud* BITTENCOURT, 2008).

Deste jeito, é primordial refletir sobre como sair da democracia de autorização em que, após os processos eleitorais, os representados sentem-se abandonados e os representantes acham-se com um papel em branco em mãos (ROSANVALLON, 2018a). Precisamos, ainda, pensar como sair dessa democracia de autorização que incentiva governos populistas e as polarizações sociais. (Idem, 2018b) Pois, tal democracia de autorização vem demonstrando, por sua vez, desencadear, afetos negativos em relação ao político. Afetos estes que proporcionam um afastamento e uma falta de confiança em toda a dimensão e assuntos políticos da realidade social de um indivíduo.

Considerações Finais

À guisa de conclusão, as emoções, para além de seus fundamentos intrínsecos, quando encaradas como decorrentes de afetos, realizados na vivência e contato com o ambiente e os

demais indivíduos, podem ser tidas não enquanto um objeto irracional e incompreensível, mas quanto um importante objeto de análise das motivações e sentidos das ações sociais.

Tal fato é consequente da própria dinâmica social, visto que os indivíduos estabelecem seus regimes de desejos baseados na interação com os outros indivíduos com quem compartilham a realidade, bem como do contato com o próprio ambiente e com as instituições sociais ao seu redor, especialmente, o Estado e suas instâncias, já que suas ações possuem o poder e a força de alterar de modo drástico trajetórias, expectativas e possibilidade futuras. (LORDON, 2015)

Assim sendo, como visto na monografia, o resgate da dimensão concernente às emoções e aos afetos propicia o enriquecimento das análises a respeito dos movimentos sociais pelo fato de substituir a uniformidade da ação instrumental por enquadramentos diversos e complexos dos indivíduos e grupos sociais, concernentes a seus modos de fazerem referência à realidade (CEFAI, 2009; JASPER, 2016). Levando em conta, portanto, a praxeologia da opinião pública e a experiência dos indivíduos com os problemas públicos derivados das vivências em sociedade e de sua mutabilidade intrínseca (CEFAI, 2009).

Além disto, interpretando as experiências como fundadas por um sofrer e um agir (LAGE; BARCELOS, 2011). O trabalho científico desenvolveu o resgate do conceito de “acontecimento” para a análise das ocupações na UnB de 2016. Que se demonstrou como vantajosa ferramenta para apanhar e apreender não só o sentimento que estava por trás do impulso dos indivíduos em se envolverem nas ocupações da universidade, mas também como meio para assimilação de outras emoções presentes nesse evento específico que foram as ocupações.

A noção de “acontecimento” viabiliza a apreciação das ocupações na UnB de 2016 como “uma ruptura na continuidade da experiência, que afeta os sujeitos ao mesmo tempo em que é afetado por eles” (MENDONÇA, 2007, p. 119). Igualmente, oportuniza pensar este afeto como algo que influencia os indivíduos a promoverem ações no sentido de preservarem sua existência.

Isto posto a investigação científica compreende os movimentos sociais, em particular, os movimentos de protesto como ações que

“Nunca vai terminar, a menos que, por milagre, o mundo se transforme num lugar perfeito. Até lá, os manifestantes serão aqueles que vão apontar os problemas e exigir sua solução. Os envolvimentos estratégicos entre movimentos sociais, seus alvos, governos, a mídia, observadores e outros atores vão continuar, passando de uma arena para a outra enquanto os atores buscam ganhar vantagens uns sobre os outros. Não podemos prever o que vai acontecer, mas podemos afiar nossas ferramentas analíticas

para compreendê-lo quando de fato ocorrer. É um jogo bom de assistir, e melhor ainda de participar.” (JASPER, 2016, p. 11)

Com isso em mente, “É preciso, então, perguntar-se que afecções – que coisas exteriores – produziram os afetos que foram os operadores dessa determinação de se movimentar” (LORDON, 2015, p. 64). Ora, o exterior que afeta constantemente os indivíduos é a própria realidade social com suas interações e, principalmente, instituições que, através de seus movimentos contínuos, impressionam a dimensão emocional-sentimental e, simultaneamente, a dimensão racional-reflexiva dos seus constituintes levando-os a adotarem posturas ou de passividade ou de reação (LORDON, 2015).

Na presente análise sobre as ocupações na UnB de 2016, refletindo acerca do que levou estudantes a envolverem-se efetivamente na mobilização social, destacou-se o sentimento de desamparo como o impulsionador central do direcionamento dos estudantes entrevistados a sua envoltura no ato de protesto, que teve as ações governamentais do governo de Michel Temer, bem como o contexto brevemente anterior ao impeachment da presidenta Dilma Rousseff, como alvos de sua indignação que, por sua vez, pode ser compreendida como a manifestação física desse sentimento de desamparo e busca pela consolidação de um amparo posterior.

Ademais, foram percebidas, nos relatos transcritos das entrevistas realizadas, para averiguação dessa monografia, outras quatro emoções presentes nas ocupações na UnB do ano de 2016, sendo elas: o medo, a esperança, a solidariedade e a frustração.

O medo apareceu como seqüela do trabalho realizado, pelo indivíduo, de domesticação dessa indeterminação angustiante, que representa o “estar desamparado”, para assim, reduzir sua complexidade e torná-la inteligível e direcionável de forma pública e socialmente. Assim, conseguimos encontrar, como demonstrado nas falas coletadas, a angústia do desamparo trabalhada intelectualmente pelos ocupantes sobre a forma do medo às ações governamentais. Bem como, também encontramos referência ao medo à segurança.

A esperança, por seu turno, apresenta-se como um sentimento de realização conjunta e simultânea ao medo, dado que não há medo sem esperança (SAFATLE, 2016). O sentimento de esperança, além do mais, foi vista como possuidora de íntima ligação com a categoria do tempo ao expressar-se como expectativa de amparo que, nesse sentido, intensifica o impulso individual de busca por alternativas à forma como o acontecimento estava lhe afetando (LAGE; BARCELOS, 2011; SAFATLE, 2016).

A solidariedade, por seu lado, advém, nas falas coletadas e nas pesquisas realizadas, do caráter de grupo observado nas ocupações da UnB de 2016 e possui uma forte relação com os aprendizados agregados aos indivíduos após a vivência das ocupações.

A frustração, por fim, se mostrou como uma emoção desencadeada após o término das ocupações e relacionada não só com seu resultado, mas também pelo modo como se desencadeou o desenrolar de todo o acontecimento. A frustração foi compreendida como um sentimento de tristeza que, para além da derrota nas principais pautas nacionais do movimento, aparece como a tristeza pela forma como o governo conduziu o diálogo e a consideração para com o movimento contestatário. Ela relaciona-se, deste modo, com a visão e a confiança dos indivíduos na política como um campo de ponderação de conflitos e reflexão sobre o bem comum.

A frustração aparece, por conseguinte, como um sentimento que demanda uma importante atenção quando nos indagamos sobre a percepção da política e do sistema democrático, uma vez que, por se encontrar do lado oposto do espectro em relação com o sentimento de confiança, pode indicar problemas na forma como um governo está conduzindo a máquina pública estatal e suas competências.

Além disso, pode indicar problemas no modo que o sistema democrático vem sendo executado e gerido. Questões, essas, que podem proporcionar o desenvolvimento do sentimento de aversão à política. E, ainda, fortalecer democracias de autorização ou mesmo governos de comandos populistas e a presença de populações profundamente polarizadas.

Para concluir, julga-se importante frisar que os maiores ganhos inerentes às ocupações realizadas na UnB no ano de 2016 foram o reconhecimento do quilombo, localizado na sala BT 620 do Instituto Central de Ciências Norte (ICCN) da UnB, como diretório central de estudantes negros, concretizado no dia 01 de dezembro de 2016. E, também, o reconhecimento posterior do Centro de Convivência de Mulheres (CCM), localizado na sala AT 187/7 do ICCS da UnB, concretizado no ano de 2017. Além do mais, foram conquistadas algumas demandas feitas pela “ocupação das minas”²⁰ e das mães, com por exemplo, bolsas de auxílio para estudantes mães e iluminação em áreas dos campi que anteriormente não possuíam iluminação.

Nesse sentido, sente-se ser relevante e necessário a realização de pesquisas científicas posteriores sobre os motivos do quilombo e do CCM terem sido demandas tão fortes presentes no interior da Universidade de Brasília, visto que, além de uma medida por reconhecimento de

²⁰ A ocupação das minas foi como ficou reconhecida a ocupação do prédio BSAN.

setores da população historicamente marginalizados, tais reivindicações podem apontar para problemas internos mais profundos, inerente ao cotidiano e estrutura da universidade.

Para finalizar, crê-se interessante, também, pesquisas sobre a influência dos medias na formulação de enquadramentos sobre o caráter dos movimentos sociais no âmbito do senso comum e os impactos deles no acontecimento em realização e em seus resultados posteriores.

Referências Bibliográficas

ABRANTES, Pedro. Para uma teoria da socialização. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, vol. XXI, 2011, p. 121-139.

AGÊNCIA BRASIL EBC. **Conheça os 23 ministros da equipe de Michel Temer**. Disponível em: < <http://agenciabrasil.etc.com.br/politica/noticia/2016-12/conheca-os-23-ministros-da-equipe-de-michel-temer>>. Acesso em: 08 de jul. de 2019.

ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. **Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta**. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, n. 2, p. 61-69, July 1992. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1992000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 de março de 2019

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. 36. Ed.; tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 2014.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Para uma compreensão da política dos afetos na filosofia de Espinosa. In: **Revista Filosofia Capital-ISSN 1982-6613**, v. 3, n. 7, p. 83-100, 2008.

CARTA MAIOR. **O Movimento Estudantil e as ocupações: a retomada da luta na Universidade de Brasília**. Disponível em: < <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Primeiros-Passos/O-Movimento-Estudantil-da-Universidade-de-Brasilia-antes-da-ocupacao/42/37504>>. Acesso em: 02 de jul. de 2019.

CEFAI, Daniel. Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 2, n.4, p.11-48, abr./maio/jun. 2009.

DA SILVA, Camila Farias. Emoções e Performances: uma abordagem cultural sobre processos de contestação contemporâneos. **Revista Contraponto**, v. 4, n. 1, 2017.

EL PAÍS. **Michel Temer, um ano de governo em meio à solidão**. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/22/politica/1495466583_795966.html>. Acesso em: 01 de jul. de 2019.

EL PAÍS. **PEC 241: projeto que limita gastos públicos será divisor de águas para Temer.** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/politica/1476052257_522876.html>. Acesso em: 01 de jul. de 2019.

ÉPOCA. **Retrospectiva 2016: o ano que nos acertou em cheio.** Disponível em: <<https://epoca.globo.com/politica/noticia/2016/12/retrospectiva-2016-o-ano-que-nos-acertou-em-cheio.html>>. Acesso em: 09 de jul. de 2019.

G1. **Pelo menos 21 estados e o DF têm escolas e institutos ocupados por estudantes.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/pelo-menos-21-estados-tem-escolas-e-institutos-ocupados-por-estudantes.ghtml>>. Acesso em: 30 de jun. de 2019.

G1. **1 ano do governo Temer.** Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/politica/2017/1-ano-do-governo-do-presidente-michel-temer/>>. Acesso em: 01 de jul. de 2019.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** 14ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2015.

GIACÓIA JR, Oswaldo; SAFATLE, Vladimir. O poder dos afetos. In: **Café Filosófico CPFL**, 2015. Disponível em: <<http://www.institutocpfl.org.br/2015/09/15/o-poder-dos-afetos-com-oswaldo-giacoia-jr-integra/>> ou <https://www.youtube.com/watch?v=nyj_RIkM590>. Acesso em: 20 maio. 2019.

HISTORY CHANNEL. **O jovem Dr. Freud.** Parte 1 e 2; 2002. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1UqaHXxK9Ec>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=DZtRYqpxIGQ>>. Acesso em: 22 maio. 2019.

JASPER, James M. **Protesto: uma introdução aos movimentos sociais.** 1. ed.; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Emoções, sociedade e cultura: a categoria de análise emoções como objeto de investigação na sociologia.** Curitiba: Editora CRV, 2009.

LACLAU, Ernesto; MOUFEE, Chantal. **Hegemonía y estratégia socialista: hacia una radicalización de la democracia.** Siglo XXI, Madrid, 1987. Prefácio, Introdução e capítulo 1.

LAGE, Leandro; BARCELOS, Tiago. Por uma abordagem pragmatista dos acontecimentos. **Revista ECO-Pós**, v. 14, n. 2, p. 176-183, 2011.

LORDON, Frédéric. **A sociedade dos afetos: por um estruturalismo das paixões.** Trad. Rodolfo Eduardo Scachetti e Vanina, 2015.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG. 1999.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Movimentos Sociais como acontecimentos: linguagem e espaço público. **Revista Lua Nova**, n. 72, p. 115-142, 2007.

OCUPA UNB. Brasília, 31 de out. de 2016. Facebook: página do facebook. Disponível em < <https://www.facebook.com/ocupaub/>>. Acesso em: 30 de jun. de 2019.

OCUPA UNB. **Sobre nós.** Disponível em: < https://ocupacaounb2016.wixsite.com/2016/sobre-nos?fbclid=IwAR3WUU-R55_YS0mpgdq2jxeVWlaD3gybl19_chLYDVi8pff3gcYUG5wAJVc>. Acesso em: 30 de jun. de 2019.

PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. Sobre o corpo-afeto em Espinosa e Winnicott. In: **Revista Epos**, v. 4, n. 2, p. 1-15, 2013.

PENNA, Carla. O campo dos afetos: fontes de sofrimento, fontes de reconhecimento. Dimensões pessoais e coletivas. **Cadernos de Psicanálise (CPRJ)**. Rio de Janeiro, v. 39, n. 37 jul/dez, p. 11-27, 2017.

POLITIZE. **Como funciona o Teto de Gastos públicos?**. Disponível em: < <https://www.politize.com.br/teto-de-gastos-publicos-infografico/>>. Acesso em: 01 de jul. de 2019.

POLITIZE. **7 temas que marcaram a política em 2016.** Disponível em: < <https://www.politize.com.br/politica-em-2016-retrospectiva-7-temas/>>. Acesso em: 29 de jun. de 2019.

POLITIZE. **Projeto escola sem partido: argumentos contra e a favor.** Disponível em: < <https://www.politize.com.br/projeto-escola-sem-partido/>>. Acesso em: 29 de jun. de 2019.

ROSANVALLON, Pierre. A democracia no século XXI. **Nueva Sociedad** especial n ENSAIO em português, julho de 2018a, ISSN: 0251-3552, <www.nuso.org>.

ROSANVALLON, Pierre. Pensar o populismo, por Pierre Rosanvallon. **Sociofiloblog**. Acesso 3 de jul. de 2018b.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo.** 2. ed. rev.; 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016a.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos.** 2016b (2h05min33s). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=QTFstXnlz0g>>. Acesso em: 17 abr. 2019.

SENADO NOTÍCIAS. **Sancionada lei da reforma do ensino médio.** Disponível em: < <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/02/16/sancionada-lei-da-reforma-no-ensino-medio>>. Acesso em: 01 de jul. de 2019.

SENADO NOTÍCIAS. **Primeira medida provisória de Temer reduz de 32 para 23 o número de ministérios.** Disponível em: < <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/05/16/primeira-medida-provisoria-de-temer-reduz-de-32-para-23-o-numero-de-ministerios>>. Acesso em: 09 de jul. de 2019.

UOL. **Temer, o impopular: o que mudou no país em dois anos e meio de governo.** Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2018/12/30/temer-o->

[impopular-o-que-mudou-no-pais-em-dois-anos-de-governo.htm](#)>. Acesso em: 01 de jul. de 2019.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. De Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa, 4ª ed., Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015.

Anexo A – Roteiro aplicado nas entrevistas

I - Dados Sociodemográficos

1. Curso: _____
2. Idade: _____
3. Cor ou Raça: _____

4. Estado Civil:
 Casado(a) Solteiro(a) Viúvo(a)
 divorciado(a) União estável Outro: _____

5. Possui Religião? Sim Não Qual? _____

6. Em qual Região Administrativa do DF você mora atualmente? _____

7. Qual sua forma de locomoção para Universidade? _____

8. Qual o tempo aproximado que você leva para chegar na Unb? _____

9. Renda Mensal Aproximada (individual)
 Não possui renda individual
 Menos de 1 salário mínimo (menos de R\$ 998,00)
 De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 998,00 a R\$ 2.994,00)
 De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.995,00 a R\$ 5.988,00)
 De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 5.989,00 a R\$ 8.982,00)
 9 salários mínimos ou mais (R\$ 8.983,00 ou mais)

10. Renda Mensal Aproximada (família)
 Menos de 1 salário mínimo (menos de R\$ 998,00)
 De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 998,00 a R\$ 2.994,00)
 De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.995,00 a R\$ 5.998,00)
 De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 5.989,00 a R\$ 8.982,00)
 9 salários mínimos ou mais (R\$ 8.983,00 ou mais)

11. Qual o número total de pessoas no domicílio em que mora? _____

II – Entrevista

12. Como você descreveria o que foram as ocupações da Universidade de Brasília de 2016? E o porquê dela ter acontecido naquele momento em específico?
13. Para você o que estava em jogo nessas ocupações da Universidade de Brasília?
14. O que te levou a participar das ocupações da Universidade de Brasília? Quais locais você ocupou?
15. Como você se sentia em relação às táticas e estratégias adotadas pelos ocupantes para motivar e ampliar as ocupações na Universidade?
16. Como descreveria a relação entre e com os outros indivíduos que estavam ocupando?
17. Para você, quais foram as maiores dificuldades na ocupação da universidade de Brasília (em termos relacionais e contextuais)?
18. Você acreditava no sucesso dessas ocupações da Universidade de Brasília? Sim/Não
19. Quais eram suas expectativas com as ocupações na Universidade de Brasília de 2016?
20. Qual a sua visão e seu sentimento sobre o final do período da Ocupação da Universidade de Brasília de 2016?
21. O que você acredita que ela tenha mudado em você, após a vivência da ocupação da Universidade de Brasília, ou o que ela fez você repensar? Ou não vê mudanças?
22. Já havia participado de outras mobilizações coletivas antes destas ocupações da Universidade de Brasília?
23. Qual a sua opinião sobre este tipo de processos participativos e a política brasileira na atualidade?
24. Qual seu sentimento sobre as pessoas que não ocuparam? E sobre as pessoas que se posicionaram contra as ocupações.